RIO GRANDE DO NORTE

PADRE JOÃO MARIA

Nasceu a 23 de junho de 1848

Faleceu a 16 de outubro de 1905

Sentida Homenagem de João Carlos de Vasconcelos e da Tipografia «SANTA TERESINHA», na passagem do 50° aniversário do seu falecimento.

2ª EDIÇÃO, aumentada

TIP. «SANTA TERESINHA»
RUA MIPIBÚ, 440
NATAL — 1957

Ao Des. Antônio Soares de Araújo, of. [illegible]

Natal, 13. 10. 57.

RIO GRANDE DO NORTE

PADRE JOÃO MARIA

Nasceu a 23 de junho de 1848

Faleceu a 16 de outubro de 1905

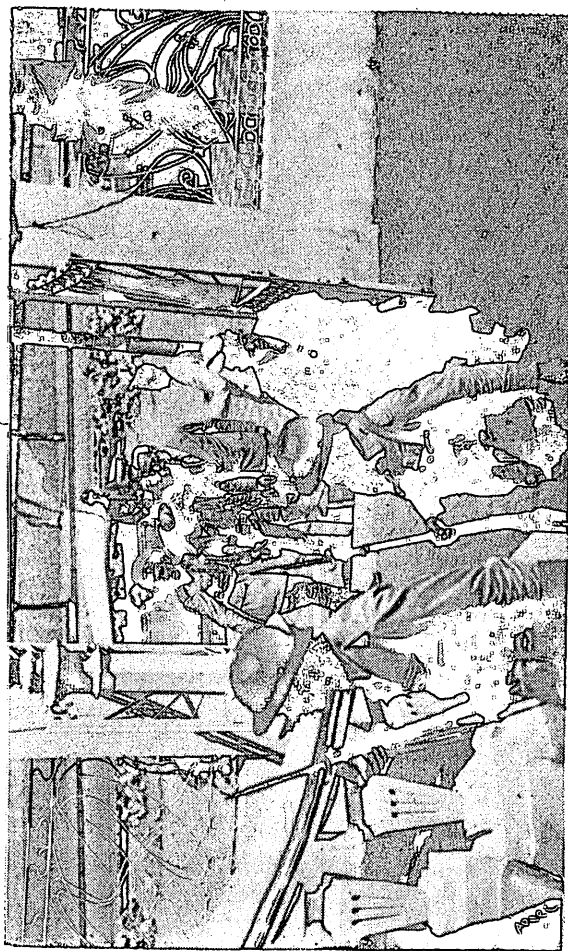
Sentida Homenagem de João Carlos de Vasconcelos e da Tipografia «SANTA TERESINHA», na passagem do 50º aniversário do seu falecimento.

2ª EDIÇÃO, aumentada

TIP. «SANTA TERESINHA»
RUA MIPIBÚ, 440
NATAL — 1957

Padre JOÃO MARIA

★ 23-6-1848 † 16-10-1905

— 1957 —

A entrada do desemb. Antonio Soares, presidente em exercicio do Tribunal Regional Eleitoral, no edificio da Assembléa Constituinte, para presidir á sessão de installação da referida Assembléa

O MELHOR RETRATO DO PADRE JOÃO MARIA

Mons. José Alves LANDIM

A sobrevivência do Padre João Maria não se explica tão só pelo cargo que ocupou, pela missão a que se consagrou, pelo talento que revelou de jornalista e condutor de almas.

Tudo isso justificaria que as crônicas do tempo lhe consagrassem ao nome de cidadão conspícuo e valoroso, algumas páginas que os de então leriam com agrado e, depois, legariam aos pósteros como uma legenda e um paradigma.

Mas, depois de 50 anos de passamento, anda ainda o Padre João Maria redivivo por tôda a cidade; seu nome é repetido com respeito e amor; sua história é familiar aos que nada testemunharam; mas aprenderam tudo com o mesmo orgulho e desvanecimento dos que o acompanharam em vida. Sua herma na praça do seu nome, vive florida e iluminada, como um jardim solertemente cuidado e sempre banhado de auroras.

É esta a sagração dos heróis e dos santos. Os que não logram enfileirar-se entre heróis e santos, podem aparentar mérito e valor incomparável; mas lhes falta a rubrica popular que encaminha à canonização definitiva e glorificação oficial.

Na sua vida, tanto em Natal, como em Nisia Floresta ou em Jardim de Piranhas, não há rumor de um deslise mais leve em que pudesse periclitar ou ficar duvidosa a sua vocação.

A vida sacerdotal exige renúncia e sacríficio. O padre tem de ficar à margem da sociedade, desintegrado da família, entregue tão só a si mesmo, parecendo extranho aos que o rodeiam, porque sua vida rumoreja em rumos, de todo, distanciados da rotina inconfundível da espécie.

Há um equivoco na hipotese.

O padre só se distancia para ficar ao alcance da multidão; só se desintegra da família para que tôdas as famílias se tornem a sua grei; só se subtrai à responsabilidade da paternidade comum, para que seja o pai de tôda a sua paróquia.

Se a família do Padre é o povo, faz-se mister muito tato e muita compreensão, para ficar sempre acima de tôdas as injunções, fora de todo egoísmo, insensível ao que possa ou queira prendê-lo, com vínculos de afeição simplesmente humana. Por isso, João Maria era de todos. Sua família se desdobrou em todo o conjunto social a quem desafiava a atuação de sua bondade irrestrita. Estava sempre de alcatéia. Quem chora por aí? Quem grita ou geme? Quem se apresenta maltrapilho ou faminto?

Êle tem grande sudário para enxugar tôdas as lágrimas, tem lenitivo para suavisar a mais forte angústia, tem pão e indumentária para mitigar a fome e disfarçar a nudez de todos. Era o traço saliente de seu cárater paroquial que fêz a muitos olvidar qualidades outras que eram também perolas em seu rosário de santidade.

O povo quando olha para o Padre e o vê de vida pura e desprendida, não indaga mais nada: ajoelha-se e adora. A pureza e a generosidade são realces divinos para a psicologia popular.

Foi só com o bom exemplo de uma vida pura e a caridade que jamais encontrou obstáculo na jornada; foi só com êsse binômio que desdobrou seu grande apostolado o nosso santo Cura d'Ars?

É fácil arranjar outras cifras para a somação do "haver" dêste grande sacerdote cujo nome ainda enche a vida religiosa de Natal, flama ainda acesa que não parece extinta há meio século...

Homem de vida espiritual intensa, de grande humildade, de trabalho incessante, de jornalismo combativo e defensivo, de zêlo que não se arrefecia, que buscava a alma tresmalhada, a qualquer hora e a qualquer distância, atravessando muitas leguas a pé, sem se lamentar de estafas exgotantes...

O "Oito de Setembro" foi o registro mais valioso que ficou de seu apostolado e cujas páginas são relíquias mais preciosas do que os farrapos de sua batina.

"Oito de Setembro" é a sua melhor fotografia.

Decorridos 50 anos de sua morte, nas páginas do "Oito de Setembro" ainda fulguram as mais deslumbrantes centelhas de seu espírito invulgar.

★ ★ ★

À MEMÓRIA DE UM JUSTO

Gothardo NETTO

Bem haja o que se foi no mysterio do nada
Nas almas despertando um sentimento novo,
Ungido pela dor das lagrimas do povo,
Nimbado pela luz de uma affeição sagrada!

Esse deixa na terra um vivido exemplario,
Formado ao grande amor de um coração singelo!
É S. Paulo ensinando o codigo mais bello,
É Jesus bendizendo a noite do Calvario!

Tú, sublime levita humanitario e nobre,
Desde o lar opulento ao tugurio mais rude,
Que pregavas a Fé no templo da Virtude
E accendias a luz na lareira do pobre,

N'essa doce mansão que a Divindade encerra,
Como um filho da Cruz, abençoado, impolluto,
Has de colher mais tarde o peregrino fructo,
Dos bens que derramaste em profusão na terra!

28—10—1905.

(Da Poliantéia do "Oito de Setembro").

ALLOCUÇÃO

Proferida à beira do tumulo do Vigario João Maria, em 16 de Outubro de 1905.

Meira e SÁ

Meus Senhores.

Justitia enim perpetua est, et immortalis. Justorum autem animo in manu Dei sunt et non tanget illos tormentorum mortis.
Fulgebunt justi.
Judicabunti nationes et dominabuntur populis.

(Liber Sapientiæ).

Em face da morte deste varão e nunca assás pranteado sacerdote, que sempre professou e praticou em vida o culto da Caridade Christã, memoraveis são os conceitos do livro da Sabedoria, que me serviram de epigrafe: *A justiça é perpetua e immortal; o tormento da morte não attinge a alma do Justo, o qual revive e, dominando o povo, dicta sentença aos estados.*

E acompanhando-lhe o corpo, no funebre prestito, até esta sua ultima morada, occorreram-me ainda ao espirito as palavras de Bossuet: *para elle a morte não era mais a morte, porem a passagem para a immortalidade.*

.. ..

Mas, em verdade, que perda incalculavel para esta Capital! que falta para a nossa Egreja, de que era digno ornamento! e, sobretudo, que orphandade para essa grande multidão anonyma dos *necessitados* e dos *enfermos* a quem confortava nas publicas calamidades e nas tribulações, como ainda agora, na terrivel epidemia que nos flagella ha um ano — com uma dedicação difficil de descrever, sempre egual, constante, paternal e heroico na bondade e na solicitude, que o tornaram, desde muito, querido e venerado de todos!!...

Certo, e por isso, na dor sincera e profunda de muitos

que lastimam o seu traspasse, terá repercutido, instintivamente, a exclamação pungentissima do carmen — quando encontraremos jamais quem lhe seja egual?!...

Quando ullum inveniet parem?!...

Na sua humildade captivante; na sua modestia despretenciosa; na sua mansidão attrahente; nos seus sentimentos de justiça temperada de doce benevolencia e desinteresse; no seu grande amor ao proximo, tal como ensina o Evangelho; no zelo por tudo quanto se referia á religião e á Egreja; no exercicio afanoso e sublime de salvar as almas — o Vigario João Maria era o exemplo mais eloquente, o modelo mais completo do paracho catholico.

Explica-se, senhores, deste modo, como — homem tão simples e tão singelo, que nunca exerceu a menor particula do poder temporal, se impunha, sem querer, á consideração dos publicos poderes, á estima e veneração de quantos tiveram a ventura de conhece-lo e mais ainda — *dominava o coração do povo.*

.. ..

É morto o virtuoso sacerdote! inerte, pela primeira vez e para sempre o incansavel cultivador da vinha do Senhor!

Tudo, porém, não se anniquilou: o tumulo leva somente o que é do tumulo. E, a esta triste, ephemera e ingloria victoria da morte, que se nutre de lagrimas e funebres despojos, cabe bem oppor aqui a valente, sublimada e consoladora apostrophe do inspirado Apostolo dos Corinthios:—Onde está, ó morte, a tua victoria? *Ubi est, mors, victoria tua?*

Sim, o involucro, o corpo frio e inerte, baixa á sepultura porque é da terra; mas a alma, libertada e gloriosa, sóbe ao seio de Deus e refulge nos exemplos edificadores e na saudade eterna.

O Vigario João Maria sobrevive aos seus funeraes; não morrerá emquanto existir a cidade do Natal, a sua muito amada parochia—para honrar a memoria de sua excelsa dedicação, dos seus inestimaveis serviços, das suas virtudes evangelicas.

.. ..

Recebe, bondoso levita do Senhor, nestas magoadas palavras, a custo proferidas, — recebe de toda esta enorme mul-

tidão que, como um oceano fremente de dôr e de saudade, rodeia e aperta o teu esquife, — acceita, pastor amado, das ovelhas que apacentavas com indizivel desvelo e carinho, a consagração agradecida do seu irrepremivel affecto; com ella as preces mais sentidas e fervorosas ao Todo Poderoso, para que tenhas, no Céo, o premio promettido aos Justos, que succumbem no trabalho do Bem e se vão — deixando os inolvidaveis exemplos de santas virtudes.

(Da Poliantéia do "Oito de Setembro").

EXTREMA UNCÇÃO

Segundo WANDERLEY

Musa do lucto, Musa da tristeza,
Toma o psalterio rôxo da Saudade;
Vamos cantar o Sol da Caridade,
Vamos carpir o Anjo da pobreza.

Quem dos fracos succumbe na defeza,
Contemplando da Gloria a claridade,
Tem no proprio martyrio a magestade,
Tem no mesmo Calvario a realeza.

Musa não ouves um concerto extranho?
Chega da Magua o pallido rebanho,
Deixa que pare o lugubre cortejo...

Emquanto a nota afinas de amargura,
Naquella fronte aureolada e pura
Quero imprimir o derradeiro beijo...

14—11—1905.

JOÃO MARIA

Felicio TERRA

.. ..

Quebravam-se os ultimos raios do sol cadente nas lagrimas da população afflicta e o esquife, levado a mão, seguia vagarosamente, envolto n'uma claridade milagrosa.

Era a visão dolorida dos tristes, coada por borbotões de pranto, que prestava ao feretro aquella fulguração sobrenatural; mas tambem, ninguem teria surprezas, na cidade, se um facho de luz celeste viesse realmente beijar, na estrada do cemiterio, os restos da creatura perfeita que o padre fôra em vida, e havia de ser sempre na immensidade profunda onde a bondade de Deus se esmera em perpetuos transbordamentos de amor.

A todos enregelava a fria derrocada da ilusão. Não teria escrupulos a Morte?

Ceifeira inexoravel e brutal, ousaria nivelar na mesma extincção monotona o peccador e o justo, a alma apodrecida no mal e o espirito virgem de remorso?

Como explicar ante a noção de suprema justiça, a crueldade do destino, que arrancava ao amparo dos pobres e dos humildes o Padre João Maria, e o transportava para além, mudo, de olhos cerrados, numa espantosa immobilidade de cadaver, a elle, que toda a gente o acreditava immortal, eleito por mysterioso designio para representar n'este mundo a summa grandeza moral do bem e desparzir, magnanimamente, dos cimos da sua misericordia, como um semeador de piedades, a philantropia incansavel, a abnegação exemplar, o sacrificio espontaneo, guardando, apenas, para si, a parte de gozo terreno, indispensavel á peregrina obsessão de desbaratar-se, cada vez mais, nos extremos da caridade illimitada?

E o via, a população afflicta, través da saudade, retirar do bolso da velha sotaina, descorada, puida, o pão que o proprio estomago reclamava em caimbras de vacuidade, para dal-o aos famintos, e cahir depois, pallido e suarento, balbuciando orações, vitima dos deliquios da inanição, na soleira da sua

igreja, forçando os labios a se distenderem, n'um sorriso de venturas, por ter tido ensejo de socorrer um desgraçado.

E lembrava-se da mesa grande da casa delle, a mesa unica de madeira tosca, onde as esportulas da vigararia, como flores de banquete, se espalhavam, para que os pobres viessem buscal-as; porque elle, o ministro do Altissimo, recebia directamente do céo o estipendio sacerdotal, e julgava-se um Creso de fé, de resignação e de esperança...

E os indigentes, os desherdados, os infelizes, os enfermos, os tropegos, os mutilados — toda a legião immensa de soffredores, toda a cohorte fantastica dos tristes — acompanhavam a tumba silenciosa dentro da qual repousava, como um astro morto, o corpo do vigario, que a fria derrocada da illusão mostrava não ser, como se supunha, imperecivel!

E na cidade, amortalhada no pezar, uma atmosphera de consternação cahia, densa, esmagadora, asphyxiante; e no dobre dos sinos, acostumados a chamar os fieis ao templo onde officiava o coração angelico do padre, advinhavam todos a lamentação do bronze, orphão tambem da ternura do vigario...

***

Padre, — já recebeste na fronte o osculo de Deus: um galardão e um agradecimento; a recompensa de tua sublimidade, e a expressão de orgulho do Creador das maravilhas. Deus sente orgulhos como nós; os orgulhos santos de quem faz obras adoraveis, e nellas tem a fortuna de se rever. Deus é grato, como nós somos. Repugna ao infinito qualquer desfalque de perfeições, e a gratidão, que no peito humano fulgura, é simplesmente uma alvorada do dia radiante de outra vida.

Quando chegaste lá em cima, tua sotaina poida havia desapparecido; só tua alma luminosa penetrou o seio do paraiso, escoltada por uma comitiva de constellações palpitantes e por um batalhão de anjos, que te tomaram para commandante.

E Deus te acolheu commovido; despedio os anjos e as constellações; ficou a sós comtigo, e depois de te contemplar longamente, deu-te o beijo de agradecimento.

Foste absolutamente bom e absolutamente humilde; e tiveste a rarissima felicidade de conservar immaculados esses attributos de tua perfeição, sendo, como igualmente foste, absolutamente pobre...

Para teu espirito soberano, o sacerdocio era um apostolado: nasceste contingente e sonhaste morrer eviterno. Tinhas no coração o calor do céo e nos pés a grilheta terrena; mas tua alma era tão leve, que subiste no espaço e pairaste entre o firmamento e a miseria, derramando beneficios para baixo, e mandando canticos para cima.

Por isso, tua existencia foi um sonho.

Roçaste a terra com tuas azas, e não te perseguio o medo da impureza; fitaste o céo com tua fé, e não sentiste o pavor do desconhecido. Foi mais que um sonho: foi o devaneio da vigilia sagrada, — extremamente tranquilla, nutrida do ideal portentoso da superioridade humana, que te valeu o premio de sair do mundo num turbilhão de saudades e avisinhar de Deus num turbilhão de applausos!

Realizaste o escopo da extrema nobreza animica; amaste o proximo mais que a ti mesmo e mereceste ser um companheiro de Christo.

Em teu ser cristalisou a dignidade da especie.

Como te invejamos, Padre!

***

Agora escuta. Passaste na vida quasi ignorado. Foi mister que morresses para que o mundo soubesse que tinhas vivido...

Em qual congregação te filiaste? Em nenhuma. Porque zelaste teu brilho? Porque eras verdadeiramente christão e teu sacerdocio te pareceu redemptor. Foste grande e foste augusto. Mas, dize: porque motivo tua imagem não cresceu no horizonte, como uma aurora, para exemplo dos outros sacerdotes, tambem soldados da igreja? Porque tua batina, descorada e velha, não se desenhou na consciencia dos padres, que te não imitam, como um manto de estrellas tecido pelos dedos do Omnipotente, para encanto da fé e salvação das almas?

Não viste o alastramento das ambições, fincando as garras no teu Brazil, para substituir o Deus-amor pelo Deus-vingança e pregar as torturas do castigo em vez de seduzir pela espectativa do perdão?

Não te horrorisou a desfilada dos foragidos, vindos muito de longe, com habitos de todas as cores e fallando todas as linguas, installando-se junto aos nossos lares, infiltrando-

se lentamente na nossa estructura social, como um caustico fluidificante, como o arsenico urente, como a virosa toxica, para infligir-nos a negra escravidão, que na propaganda abolicionista, tu, Padre generoso e santo, combateste em nome da cruz e condemnaste em nome do destino humano?

Que razão superior obstou que, numa cruzada libertadora, te aventurasses a percorrer toda a terra dos teus, com o Evangelho nos labios e a caridade nas mãos, distribuindo esmolas, confortando os desalentados e reconciliando com o céo, turgido de esplendores, a crença vacillante e a carencia de crenças?

Não compreendeste a nossa suffocação progressiva? Necessitamos, acaso, que venham os forasteiros, em tropel, cavalgando monitas, ensinar-nos que Deus é bom, que a virtude é uma aureola, que a religião é uma fateixa e que a esperança é uma delicia?

Porventura precisamos que a nossa fé se escude na palavra arrastada e aspera dos missionarios saudosos da sua patria, que equiparam o Brazil ás regiões sombrias onde a civilisação ainda não entrou e o sentimento do bem, apurado pelo meigo Jesus, não conseguiu ainda inspirar devotamentos veneraveis,— quando tu, Padre exemplar e purissimo, podias ser um symbolo de grandeza, tão nossa, tão genuinamente nossa, que chegamos a suspeitar que não pertenceste a patria alguma terreal, e foste unicamente um lampejo humanisado da benevolencia divina?

Porque morreste tão cedo? Não te seria dado, então, como uma protecção celeste escapar á inferioridade da destruição e prolongar tua existencia pelo tempo, para edificares no coração de teus patricios a convicção monumental de que foste a religião da caridade, da philantropia e da luz— a mesma que o Christo burilou na alma dos povos e no Brazil prospera, como um estimulo e um alento?

Porque te encantoaste — oh sentinella da fé — nessa pequena cidade do Natal, no Rio Grande do Norte, e esqueceste que o Brazil inteiro te erigia, como uma bandeira de revolta, contra o predominio avassalador dos padres estrangeiros que estão exercendo, contentes, a industria do clericalismo, emquanto praticavas, oh! santidade humilde, as ordenações da religião de amor, de compaixão e de clemencia, nesse longinquo centro, que, agora, se desenha aos meus olhos como uma nova Bethlem abençoada?

Só tu me poderias responder! Mas quem sou para merecer tua palavra, espirito deslumbrante, que saiu do mundo num turbilhão de saudades e avisinhou de Deus num turbilhão de applausos?

Ai! A minha natureza defeituosa e fraca não me permitte a nitida compreensão da tua essencia, Padre!

(Do «O PAIZ»).

* * *

SUBLIME OCCASO

Francisco PALMA

Á memoria do Padre João Maria

Desenlace cruel! Brusca surpreza
Essa da morte gelida e sombria
E do pranto sagrado da pobreza,
E do silencio de uma campa fria!

Quem não se lembra? Que fatal tristeza
N'essa manhã pesava sobre o dia!
Uma tremenda e funebre certeza
De um povo afflicto o coração feria.

Entre as vizões celestiaes de um justo
A su'alma fitava o Empyreo augusto,
Livre, subindo, transformada em luz...

E hoje mais admiro e mais contemplo
A sua vida, como um grande exemplo
Das coizas santas que dictou Jesus.

Outubro de 1905.

(Da Poliantéia do "Oito de Setembro").

DA TERRA AO CÉO

JAZ CADAVER E AINDA FALLA.
(S. Paulo aos Hebreus).

Segundo WANDERLEY

No altar augusto da Piedade suprema, em crepes envolvido, genuflexo o coração, esse Pontifice da Magua, officia o *Kirie* dolente da Saudade irreprimivel.

Crucificados os sinos solitarios no cuspide inviolavel dos campanarios, curvam-se, inclinam-se de vez em quando, em attitude beatifica de monges reverentes, interrompendo a placidez austera das naves sombrias com a eloquencia plangente e suggestiva de suas litanias monotonas e cadenciadas.

O symbolo da Patria, indifferente á caricia perfumada das brizas levantinas, esquecido dos esplendores de seus triumphos, alheio ao deslumbramento de suas glorias, pende melancholicamente do meio da haste, inclinado para a terra, como as aguias humilhadas do grande genio das batalhas, após a hecatombe sinistra de Waterloo.

Descobrem-se em todas as physionomias, em caracteres indeleveis, o cunho de um assombro, a prophecia de uma catastrophe.

Nos asperrimos flancos das collinas adustas um soluço convulso resôa lugubremente lembrando o côro angustiado das filhas de Jerusalém, na tarde merencoria do Calvario.

O proprio firmamento tem o aspecto funereo de um sudario immenso tecido de lirios e agapanthos.

As nuvens paralisadas affectam formas bizarras e extravagantes de sarcophagos aereos construidos por architectos cyclopicos.

Os raios candentes de um sol estival reflectem nas pupillas orvalhadas dos desventurados, os cambiantes polychromos do arco da alliança.

E o Anjo do Exterminio, com sua grinalda de goivos, implacavel como uma sentença de Nero, imprime na fronte abatida dos infortunados o osculo frio da despedida, o sello eterno da fatalidade.

Reina o panico da consternação.

Ha como que uma estagnação de todas as faculdades, um eclypse de todos os sentidos, uma syncope de todas as manifestações psychicas.

Só a dor, a eterna companheira dos flagellados, a sentinella vigilante dos afflictos, requinta-se nas suas expansões, afervora-se na sua espontaneidade, reage insubmissa vibrando protestos vehementes contra a brutalidade do anniquillamento, essa necessidade dissolvente, esse despotismo logico do Ignoto.

E qual o motivo desse cortejo de angustias, dessa parada de lagrimas?

Nada mais natural: após o ultimatum do desengano devia sêguir-se o desmoronamento das Illusões!

Joelhos em terra, fronte descoberta, e deixai que passe o rebanho dos inconsolaveis.

O que alli vêdes é mais que uma guarda de honra — é uma Canonisação.

O que contém aquelle esquife não é um cadaver — é uma reliquia; não é um corpo — é um symbolo; não é uma celebridade humana — é o amigo dos pobres!

.. ..

Ha personalidades excepcionais sobre cuja psychose é melhor tudo omitir para serem adivinhadas, do que tudo dizer para serem comprehendidas.

É mais seguro, ás vezes, o criterio da intuição, do que o testemunho dos sentidos.

Comprehende-se melhor um gemido do que um tumulto.

A alma revela-se mais nitidamente na lagrima de Maria do que na Illyada de Homero.

A vida do pranteado pastor era um Evangelho aberto. Pode dizer-se que o devotado apostolo realisou a formula mais elevada da Philosophia do Altruismo — Viver para outrem!

Exercia discricionariamente a dictadura do carinho sobre a obscura republica dos humildes e dos torturados.

Não era um homem, era uma legião inteira no desdobramento effusivo de suas virtudes; um prodigio na multi-

plicação fecunda de seus beneficios, uma catadupa no transbordamento espontaneo de sua abnegação.

Como o flavo helianthо, obedecendo á trajectoria luminosa do astro da vida, o idolo do povo tinha a alma sempre voltada para o astro da Caridade.

O immaculado Levita só comprehendia um palavra — o dever; só conhecia uma estrada — a religião; só alvejava um objectivo — o soffrimento.

No desempenho edificante de sua missão de paz e de conforto nada podia conter os surtos irreprimiveis de seu temperamento de predestinado. Um obstaculo era um incentivo; um sacrificio a mais incomparavel de todas as alegrias.

Nem a noite com as suas emboscadas, nem a canicula com as suas blasphemias, nem a epidemia com as suas hecatombes detinham a marcha d'aquella estrella peregrina que descambava para o occazo da vida e ascendia ao mesmo tempo para a alvorada da Gloria!

Na lucta incessante pela vida, o instincto de conservação capitulava sempre diante das lagrimas do infortunio.

Era mais que um philosopho, era um oraculo.

O seu prestigio não vinha dos esplendores do seu saber; nascia da eloquencia de seus actos.

Tinha mais que erudição; tinha — fé.

No balanço de sua existencia havia sempre um *deficit* de sangue e um saldo de bençãos.

Ao sahir de um albergue trazia uma moeda de menos e uma aureola de mais.

Sua batina esfarrapada tornou-se o pallio sublime da misericordia suprema.

Um simples e um justo; um forte e um manso; um indigente e um prodigo.

.. ..

As convulsões politicas, as metamorphoses sociais, todas as manobras evolutivas da civilisação contemporanea, todas as manifestações assombrosas do genio da humanidade, toda essa corrente electrica de scintillações ephemeras, pas-

saram indifferentes sobre aquella fronte augusta e veneranda que só se inclinava para saudar o symbolo da Redempção ou para recolher o ultimo suspiro dos agonisantes.

O homem foi absorvido pelo sacerdote; a personalidade fundiu-se no principio; a sombra tomou a forma de uma vizão; o organismo proclamou a soberania do coração; a materia tranfigurou-se, e João Maria tornou-se menos um nome de batismo do que uma senha de amor.

Estranha couza em um seculo onde o egoismo reclama o quinhão mais pingue na partilha da felicidade, onde o utilitarismo, levantando a bandeira dos interesses inconfessaveis, faz da intelligencia uma maquina e da consciencia um banco.

Offerecia-se sem espalhafato, entregava-se sem ostentação. Para salvar um corpo descia até a humildade, para resgatar um'alma elevava-se até o heroismo.

A prece e a cruz eram suas armas de combate; a primeira para persuadir; a segunda para conquistar. Nem um desfallecimento, nem uma recusa.

A morte surprehendeu-o no seu posto de honra.

Não cahiu vencido, cahiu fulminado. Havia assignado uma lettra, o praso estava exgottado; era necessario dar um thesouro em pagamento — offereceu o espolio de sua alma.

Extinguiu-se suave e placidamente como o ultimo clarão da lampada de um sanctuario ou a derradeira syllaba de um AGNUS DEI, balbuciada timidamente pelos labios immaculados de uma creança.

No extase sublime dos ultimos momento teve a vizão celica das delicias ineffaveis que o aguardavam na Bemaventurança.

E quando os passaros acclamavam n'uma alleluia de canticos o monarcha dos ares, elle saudava, n'um transporte de amor, a Rainha dos Anjos — TOTA PULCHRA ÉS MARIA.

Era o sello da Graça. Adormeceu... ao despertar o Anjo da Caridade abriu-lhe as portas do Paraiso.

(Da Poliantéia do "Oito de Setembro").

A' BEIRA DE UM TUMULO

Soares FILHO

Chora, cypreste afflicto e desolado,
Solta teu canto, ungido de amarguras,
Que o anjo amigo e bom das creaturas
Já se foi no mysterio do passado.

E tu, meu verso, cujo accento amado
Se expande sempre em fulgidas venturas,
Veste o manto funereo das torturas
N'um ai de dor, sentido, angustiado!

A morte, a fria morte ceifadora,
Nos fere o peito de christãos agora,
Nos conduz aos abysmos da agonia!

Pois que, sem reflectir n'essa tristeza,
Cobriu de lucto a toda a natureza:
Nos roubou o Vigario João Maria.

(Da Poliantéia do "Oito de Setembro").

TRIBUTO DE VENERAÇÃO E SAUDADE

José P. ANTUNES

Á memoria do virtuoso Padre João Maria de Britto

O selig, die au deinem Mahlsaszeu
O selig, der au deiner Brust gelegen.
Poesia «Unsiehtbar» de Uhtand

Ditosos os que se banqueteiam nos festins celestes.
Bemaventurado o que repousa no seio de Deus.

Era uma serena manhã de estio; a passarada gorgeiava melodiosos cantos por entre as ramadas das arvores, entoan-

do hymnos ao Creador. A natureza parecia sorrir, como nos dias da creação, continuando seu curso. De subito, sôa a voz do bronze do campanario dobrando por finados. Na ancieda-de de cruel presentimento a vóz cava e lugubre do sino pa-receu annunciar a morte do pranteado vigario João Maria Cavalcante de Britto.

A commoção geral foi até as lagrimas; um véo de tris-teza cobriu esta cidade, que tomada de doloroso espasmo, se contorcia em indefinida angustia. Em ondas afflúe o povo pa-ra o Bello Monte, onde se achava o santo varão, e, reflúe como vagas açoutadas por violenta tempestade. Entretanto os raios do sol, coando pelas camadas azuladas do ether, vi-nham reflectir na camara do piedoso sacerdote, projectando-lhe luz scintillante sobre a face terrosa e pallida na immo-bilidade da morte!

Que desengano cruel!!

Que amarga desillusão para os que crêem que os justos prelibam na terra as delicias da bemaventurança!! A dôr, o pasmo, a soledade parecem por momentos petrificar a todos diante da magestade da morte, até que a represa das lagri-mas, e o clamor da angustia prorromperam de todos os lados.

Pranteão-te, oh alma santa, os pobres sem pão, os des-graçados sem abrigo, os enfermos sem conforto, que, ao con-chego de teus sentimentos de piedade, vião o anjo da cari-dade, a abrandar-lhes os rigores da desventura. Pranteão-te todos que tiveram a fortuna de possuir-te, para terem a des-graça de perder-te. No desdobramento dos actos cruciantes da cruel tragedia que o levou á sepultura, calmo e sereno, sorria á esperança, como o nauta que no meio da tormenta avista o pharol do almejado porto.

Suas ultimas palavras foram a affirmação de sua fé, o trino harmonioso da ave que entrevê a luz da aurora atra-véz das sombras indecizas do cabeço dos montes.

Os tristes despojos que na rigidez cataleptica da mor-te arrancam-nos lagrimas, são apenas as ruinas d'um templo d'onde se retirou a divindade, e mostram que a vida é um supplicio do inferno de Dante, a nos atormentar, como si-nistro pesadello.

Passou para a eternidade o virtuoso padre, e tudo quan-to vive ha de passar como a sombra dos valles nas horas sau-dosas de crepusculo. Riquezas, purpuras, belleza e mocidade,

tudo se confunde na promiscuidade da sepultura para se separar pela justiça de Deus nos jardins da primavera eterna.

Para aquelles a quem a vida foi uma cruel provança, a morte é uma redempção: é o descanço depois do trabalho. O venerando padre devotou sua vida ao serviço de Deus, e da humanidade; e na glorificação posthuma de seus feitos, manifesta-se a justiça humana, e não lhe faltará a de Deus que é o summo bem, e manancial divino dos sentimentos que ennobrecem a humanidade.

Esse homem, em cuja alma santa a fé fazia vibrar os doces accordes da harpa de David, pendurada nos ramos dos salgueiros biblicos, não podia ser ceifado como a hera dos campos pelo podão do segador. Repousa no pó dos tumulos o que era terra, sua alma pura subiu n'um raio de aurora até os céos, onde aureolada de luz, perdeu-se no seio do infinito. Em vão as ovelhas raladas de saudades pediriam a Deus a repetição do Milagre á beira da sepultura de Lazaro para lenitivo de sua dor. A Providencia Divina não quebrantaria as leis eternas, consentindo que viesse gemer neste valle de lagrimas, a alma pura que já havia recebido a corôa de gloria nos paramos celestes.

A fraqueza do coração humano só encontra lenitivo nas lagrimas que lhe humedecem as cinzas; e na doce emoção d'um casto amor se esforça para perpetuar seus feitos gloriosos. Nobre preocupação de almas nobres, que se honram, no santo afan de prestar homenagens á virtude.

O padre João Maria, assentado sobre uma rocha de granito, receberá das gerações que passam as homenagens devidas aos homens predestinados. Acclamado virtuoso e santo por suas obras, viverá como reliquia sagrada na alma popular que não esquece a memoria de seus bemfeitores. Mitiga a saudade que nos deixou a Religião que nos ensina que a morte é a iniciação de uma vida melhor. A Fé conforta o animo; a Esperança attenua-lhe a tristeza e a Caridade adejando suas azas brancas de cysne, leva-nos a uma região de luz, e amor, onde vemos, radiante de glorias, o pastor querido n'uma transfiguração do Thabor.

Descança nos céus, oh! alma ditosa; teus actos nos servirão de estimulo para o bem; e a tua memoria só desapparecerá da terra quando não houver mais noção de virtude e caridade ou quando um cataclysmo sepultar a natureza, na

noite do cahos. Ainda assim, espectador compassivo do deliquio da natureza, viverás eternamente no seio de Deus.

Bemaventurados os que se banqueteiam nos festins celestes, repousando no seio de Deus.

Natal, 8—11—1905.

(Da Poliantéia do "Oito de Setembro").

★ ★ ★

PADRE JOÃO MARIA

Balbino TEIXEIRA

Tombou como um heroe na lucta sobrehumana,
N'um sorriso transpoz a immensidade,
Su'alma procurando a luz da liberdade
Ás celicas regiões alou-se soberana.

No proprio coração guardou-o a patria ufana,
Era um anjo de amor, de paz e caridade,
Nasceu, viveu, morreu na lei da castidade,
Bateu-se como heroe, cahiu na lucta insana.

Mas nos braços cahiu da patria angustiada
Que pranteia com dor o filho que perdeu;
Nos céos foi repousar su'alma immaculada.

Em nossos corações revive o nome seu,
—Soldado de Jesus, da cruz fez uma espada
E com ella tombou, cahiu, mas não morreu.

(Da Poliantéia do "Oito de Setembro").

PADRE JOÃO MARIA

H. CASTRICIANO

Ao começar o presente esboço biographico, me vem á memoria o perfil desse homem excepcional que se chamou João Maria Cavalcante de Britto.

Era um typo de sertanejo, de estatura commum, de apparencia vulgar, os olhos abstractos, de quem segue uma dorida vizão interior, a tez morena, tostada pelo sol das longas caminhadas em busca das creaturas simples como elle, quando o mandavam chamar nas horas extremas do desengano e da afflição.

Nasceu no arraial denominado «Logradouro», no municipio de Caicó, em casa dos seus avós paternos, a 23 de Junho de 1848.

Os pais, o capitão Amaro Cavalcante Soares de Britto e d. Anna de Barros Cavalcante, fizeram-no baptizar pelo vigario Domingos Pereira de Oliveira, conhecidissimo nos sertões do Seridó pela sua bonhomia de padre aldeião. Apadrinharam-no o capitão Antonio de Barros Cavalcante Filho e d. Feliciana Francisca Cavalcante.

Na idade de 4 annos começou a estudar as primeiras lettras, servindo de mestre o seu progenitor, que encarregou mais tarde dessa tarefa o professor Manoel Pinheiro. Aos 13 annos, seguiu para o seminario de Olinda. Alli estudou os preparatorios e fez o curso ecclesiastico, deixando excellentes amisades, entre mestres e condiscipulos.

Concluido o curso, seguiu para o Ceará, onde recebeu ordens, em 1871, voltando, nesse mesmo anno, á terra norte-rio-grandense.

Na cidade de Caicó, resou a sua primeira missa.

Nomeado, em seguida, vigario de Jardim de Piranhas, all se manteve até 1878, anno em que foi transferido para a freguesia de Flores.

Deparou-se-lhe, então, o primeiro ensejo de multiplicar a alma extremosa, não somente em prol dos infelizes que necessitavam de soccorros espirituaes, porém com toda uma população accommettida de variola, molestia que naquelle an-

no se alastrou pelos sertões de tres Estados — Rio Grande do Norte, Ceará e Parayba —, todos em lucta com a mais tremenda secca havida entre nós.

Os habitantes de Flores ainda recordam esse homem cujos musculos, pela resistencia, pareciam de ferro, quando não era mais que o involucro fragil de uma alma de ouro. Elle, como o Deus a quem religiosa e honestamente servia, achava-se em toda a parte; e, não raro, depois de um dia de trabalho insano, encontravam-no a deshoras, entre montanhas abruptas, galopando no seu burrico mal alimentado, sob a acção continua de um sol de dois annos.

O pobre e santo homem, ia por esse largo mundo de Deus, levar amparo e conforto ás victimas da peste atormentadas pela visão terrifica da morte. E a sua volta a casa era o regresso de uma maquina de fazer o bem, sempre a mover-se, sempre a agitar-se, tecedeira incansavel d'esse véo invisivel que a bondade e o carinho põem em torno dos leitos onde vão morrer os que soffrem.

A sua peregrinação religiosa fez-se ainda em outras parochias do sertão; regeu as freguesias de Santa Luzia do Sabugy, na Parahyba e a do Acary, n'este Estado.

Depois, em 1879, no fim da grande secca, veio para a villa de Papary, onde se demorou poucos mezes, transportando-se, em começo de 1880, para esta capital, na qualidade de vigario collado.

Aqui teve logar a acção mais fecunda e suggestiva d'essa nobre existencia. Durante longos annos, n'um labor que só podia ser mantido com o amparo da Fé, o seu coração foi como uma hostia que se repartiu com todos.

Quando não teve mais o que dar—deu a vida. Matou-o a grandeza da propria alma.

Era filho do sertão, nascera no isolamento d'essas quebradas onde o canto da cauan é como se fosse um ai estridulo da Naturesa, — e de lá trouxera gravadas para sempre nos olhos e na alma a imagem de creaturas humanas mortas pela fome.

Por isso, quando vinha a secca e vinham das terras sertanejas os patricios miseraveis, ainda mais se multiplicava, no desespero de não se poder repartir com todos os que soffriam e que por elle chamavam.

E, como as crises climatericas vêm sempre acompanhadas da Peste, eil-o nos lares humildes, levando aos desgraça-

dos o que lhe dava a caridade. E, muitas vezes, quando encontrava doentes inanidos, elle proprio cozia ao fogo o alimento dos miseros.

Nos momentos de desespero para os seus semelhantes era quando essa alma heroica se revelava em toda a sua extraordinaria grandeza.

Dava tudo quanto tinha n'um desvairamento sublime. Dava o dinheiro que lhe mettiam no bolso; dava a rede em que dormia, trocando-a pelas taboas do soalho; e, — parece inacreditavel! — dava a propria camisa, ficando exclusivamente com a velha batina sobre o corpo extenuado.

Fazia-se preciso, então, que a irmã o vigiasse e, ainda assim, continuava a dormir no chão porque, nos tempos de miseria, as redes que lhe arranjavam eram dos pobres.

Matou-o a ultima epidemia. Não que a variola o acommettesse: morreu do esforço que fez para salvar milhares de infelizes.

A peste começou em Março do anno passado e terminou em Novembro.

Foram mezes de tortura, durante os quaes o santo não descançou um momento. Quando a crise começou a declinar essa prodigiosa existencia começou a declinar tambem.

A peste desappareceu logo que o seu maior inimigo sumiu-se no tumulo.

João Maria quasi abandonou a igreja; deixou aos mais calmos a passividade ascetica da oração. Queria vigiar a dor do seu rebanho, levando a uns o pão e a outros o viatico; e, nos ultimos dias em que o viram atravessando as ruas, era como um somnambulo, indeciso se andava a pé, vacillante se se transportava a cavallo.

Estava morto. Recolheu-se ao leito humilde sem saber o que tinha; impressionado com aquella fraqueza que lhe não permitia vêr os pobres.

Levaram-no para um dos arrabaldes mais pittorescos d'esta capital, de onde se descortina um panorama encantador e de onde elle com os olhos semi-velados, deve ter visto, cheio da saudade dos ultimos adeuses, a silhueta esfarrapada das choças viuvas da alegria dos simples que a peste levara.

Os medicos prohibiram-no de fallar com os que o procuravam.

Mas elle, impaciente, não obedecia a ordem e pedia, supplicava "deixassem vêr o seu povo".

Assim esteve alguns dias, até que, pouco a pouco, devagarinho, — tal a sombra que desce sobre o augusto silencio das montanhas — veio cahindo sobre o seu coração a paz misericordiosa da Morte.

Finou-se ás 8 horas da manhã do dia 16 de Outubro do anno passado, serenamente, com a alma tranquilla dos fortes e dos justos...

Ahi fica, em poucas palavras, a biographia d'esse grande homem de bem. Elle pertence á classe dos heróes obscuros, que atravessam a existencia minorando a dor dos infelizes e que — talvez por isso mesmo — valem menos aos olhos da maioria do que os chamados fortes, os que provocam lagrimas e soffrimentos, como os guerreiros, heróes tragicos e bufões que a historia corôa de louros quando devia cobrir de opprobios.

É um symbolo da bondade de nossa raça.

Outros representam a acção politica, litteraria, scientifica.

Elle era a virtude e o sacrificio personificados.

Já houve quem dissesse que não devem ser somente considerados genios os intellectuaes e os cultos. Genios são tambem os que encarnam a bondade no que ella tem de mais elevado; aquelles cuja individualidade representam as mais profundas delicadezas emotivas de um povo.

Se assim é, esse homem genialmente bom, foi um typo superior. Mesmo entre os de sua classe, constitue impressionante excepção.

O Occidente atravessa uma phase de verdadeira decadencia moral.

Vae dar-se evidentemente uma crise medonha no mundo civilisado, a braços com innumeros problemas, cada qual mais temeroso.

A vida européa se agita n'uma angustia sem nome, semelhante a que abalou o imperio romano na vespera da conquista dos barbaros.

A Arte e a Religião — os dois polos do sentimento — debatem-se na mais profunda das crises, crise que vem de seculos e que ninguem sabe quando terminará. D'ahi essa estranha multiplicidade de seitas que por ahi pullulam.

É um periodo de anarquia verdadeiramente tragico, dentro do qual as nações, perdidos o senso moral e a crença religiosa, armam-se até os dentes, desviando assim a acção normal do homem que não nasceu somente para a industria e para a guerra, mas para as luctas do espirito e da fraternidade, um dever collectivo e uma obrigação individual.

E, assim como os povos estão se odiando mutuamente, os homens tambem se guerreiam entre si, em batalhas muito mais crueis do que as dos tempos primitivos, nas luctas ferinas e impiedosas do capital, sem ambições nobres, sem ideaes elevados, — unicamente movidos pela sêde do ganho e do dominio, do goso material e da victoria do dinheiro.

E, como no individuo não existe somente a besta, mas tambem o sentimento, dá-se actualmente um facto interessante, um phenomeno que está pedindo a analyse percuciente dos pathologos sociais. Elle diz-se catholico e protestante, mas, de facto, não é cousa nenhuma. No primeiro caso não ouve missa, não se confessa, não executa a decima parte dos preceitos impostos pela igreja.

No segundo, lê diariamente a vida do Christo, admira o sermão da Montanha e canta os pequeninos poemas da Biblia; mas vae á guerra matar os seus irmãos e, com o livro santo preso entre os dedos, fusila, degola, rouba, fere de frente não só o direito divino, mas os da especie, — como fizeram no Transvaal, não ha muito, os inglezes, em pleno dia de progresso, matando creanças a fome e incendiando o lar sob cujo tecto outras almas, de joelhos, elevavam para o ceu orações inspiradas pela mesma crença e pelo mesmo desejo no Alto. E' a illusão do sentimento de que falla notavel psycologo.

O cerebro humano aperfeiçoou-se á medida que o coração, inerte, se deixou ficar atraz. A industria, o commercio, a grosseira positividade dos dias de hoje, fizeram do homem uma pobre machina que ri quando tem o ventre cheio e se chama Rottchild, e mata quando tem fome e se denomina Caserio. De um lado, os esplendores do luxo e o mais désalmado egoismo; do outro, o peso excessivo do trabalho sem a esperança de outr'ora nas recompensas do Além...

João Maria foi um protesto contra este estado de cousas. E a bondade inconsciente que emanava de seu coração como a lympha crystallina surge do seio da terra e os renovos brotam dos galhos das arvores quando vem a primavera, — diz bem alto em favor do sentimento norte-rio-grandense.

Orando, a sua phrase não tinha rendilhados, os periodos sahiam incertos, titubeantes.

Não lhe sobrava tempo para decorar sermões.

Mas via-se logo: aquelle homem despretencioso possuia uma cousa que, nos máos tempos de hoje, só os simples e os ingenuos possuem: — a coragem de ser bom...

Natal, 1906.

Nota. — Êste trabalho foi revisto, posteriormente, pelo autor.

★ ★ ★

POSTHUMOS

Gothardo NETTO

(No primeiro anniversario da morte do virtuoso Padre João Maria)

Felizes, os que vão pela existencia á fóra
Tendo a benção dos bons a proteger-lhe a vida,
Armando a sua tenda onde a Miseria móra,
Onde quer que soluce uma nota dorida.

Felizes, os que vão com o broquél da Virtude
—Mixto de riso e dôr, de humildade e nobreza—
Dando um raio de luz á noite da Pobreza
E uma gotta de allivio ao tormento mais rude.

Esses têm a consciencia a desbrochar em flôres,
Quebram lanças com o Vicio e estão sempre de pé,
E escondem dentro da alma os mais santos ardôres
Como os filhos da Cruz nas epochas da Fé.

E quando do Exterminio o crepusculo desce
Sobre a vida extendendo o tenebroso véo,
A alma do justo e bom não precisa de prece,
Não precisa subir porque já está no céo.

Do "Folhas Mortas".

Ao sepulchro fazia sentinella
O Anjo da Saudade e da Tristeza,
Suspendendo na dextra uma capella,
—Homenagem sincera da pobrêza.

A Patria, n'um soluço de agonia,
Consternada fitando este scenario,
Recordava os lamentos de Maria
Na tarde lacrimosa do Calvario.

.. ..

E a essencia do justo, pura e leve,
Entre flocos de luz aureolada,
Se tranforma n'um passaro de neve
E vôa pela esphera constellada.

(Da Poliantéia do "Oito de Setembro").

A QUEM SE DEVE O BUSTO DO PADRE JOÃO MARIA

Luis da Camara CASCUDO

A qualquer hora do dia e nas primeiras da noite a praça João Maria assiste o espetáculo emocionante da fé popular ao grande vigário de Natal.

Dezenas de velas ardem, votivas, pagando promessa ao ao inesquecível apóstolo que me batizou.

Homens e mulheres ajoelhados, oram deante do seu busto.

Orando, a sua phrase não tinha rendilhados, os periodos sahiam incertos, titubeantes.

Não lhe sobrava tempo para decorar sermões.

Mas via-se logo: aquelle homem despretencioso possuia uma cousa que, nos máos tempos de hoje, só os simples e os ingenuos possuem: — a coragem de ser bom...

Natal, 1906.

Nota. — Êste trabalho foi revisto, posteriormente, pelo autor.

★ ★ ★

POSTHUMOS

Gothardo NETTO

(No primeiro anniversario da morte do virtuoso Padre João Maria)

Felizes, os que vão pela existencia á fóra
Tendo a benção dos bons a proteger-lhe a vida,
Armando a sua tenda onde a Miseria móra,
Onde quer que soluce uma nota dorida.

Felizes, os que vão com o broquél da Virtude
— Mixto de riso e dôr, de humildade e nobreza —
Dando um raio de luz á noite da Pobreza
E uma gotta de allivio ao tormento mais rude.

Esses têm a consciencia a desbrochar em flôres,
Quebram lanças com o Vicio e estão sempre de pé,
E escondem dentro da alma os mais santos ardôres
Como os filhos da Cruz nas epochas da Fé.

E quando do Exterminio o crepusculo desce
Sobre a vida extendendo o tenebroso véo,
A alma do justo e bom não precisa de prece,
Não precisa subir porque já está no céo.

Do "Folhas Mortas".

PADRE JOÃO MARIA

José Augusto B. de MEDEIROS

A região do Seridó, em que nasceu o Padre João Maria (João Maria Cavalcanti de Brito) é uma das mais castigadas pelas longas estiagens, dentre quantas formam o nordeste semi-arido do Brasil.

As sêcas ali surgem intermitentes, periódicas, mas, inevitàvelmente, arrasando os rebanhos, devastando a vegetação e obrigando parte de sua população ao êxodo, e tôda ela a sofrimentos inenarráveis.

Mas, como não há mal de que não se possa tirar algum bem, também surge ali, um e precioso — é a fôrça indomável do caráter do povo, é a resistência sem par dos seus habitantes.

O seridòense, o que nasce, vive e resta naquelas paragens castigadas pelo sol e pelo flagelo secular, é um forte e se agita e luta e consegue vencer todos os obstáculos.

Na luta contra os elementos adversos que a natureza lhe oferece, aprimora e requinta as suas qualidades morais e também as intelectuais, e eis porque não raros são os exemplares humanos naquelas plagas nascidos e criados que chegaram a situações culminantes nos ramos de atividade a que se dedicaram.

João Maria foi um dêsses homens fortes que o Seridó produziu e entregou ao serviço do Rio Grande do Norte. Outro foi seu irmão Amaro Cavalcanti. Filhos de família distinta, mas pauperrima, conseguiram com esfôrço, tenacidade, rara bravura moral, primorosa educação.

Amaro chegou a Procurador da República, Prefeito do Distrito Federal, Diplomata, Ministro da Justiça e da Fazenda, Ministro do Supremo Tribunal Federal e, mais do que tudo isso, a ser considerado, com justiça, um dos maiores financistas e juristas do país, com algumas dezenas de livros publicados, formulando e firmando doutrinas ainda hoje consideradas pelas maiores autoridades nacionais.

João Maria — em campo diverso, não lhe foi inferior.

Sacerdote, viveu para a prática do bem, servindo à vida religiosa e moral dos norte-riograndenses, com a infatiga-

bilidade de um apóstolo, com a ânsia de fazer o bem, de servir aos humildes, de mitigar os sofrimentos e as dores do próximo, que só os santos podem possuir.

E realmente foi um puro, foi um Santo.

Conheci-o de perto, vi-o muitas vêzes pelas ruas de Natal, pelos seus arredores, buscando as suas chopanas, as casas dos humildes, a distribuir tudo o que lhe chegava às mãos, visando sempre amenizar males e angústias, matar a fome dos que nada tinham, e a todos levar a palavra de Deus misericordioso.

Residindo em um modestíssimo consistório da Matriz de que era Vigário, não raras vêzes as suas desveladas irmãs verificaram que de roupa só lhe restava a batina com que cobria o corpo, pois tudo mais, tôdas as peças do seu vestuário havia distribuido com os que nada possuiam.

Foi êste o Padre João Maria, o Vigário de Natal, que tôda a população amava como a mais perfeita encarnação da virtude que o nosso Rio Grande do Norte já produziu em qualquer fase da sua história.

Não exagéro quando afirmo que foi a figura humana mais pura com que me deparei na vida.

Rio, agôsto, 1955.

* * *

NO CAMPO SANTO

Celestino WANDERLEY

Sobre o tumulo do Padre João Maria

Da Caridade o vulto magestoso,
À Virtude rendendo augusto preito,
Contemplo n'um silencio respeitoso
Ajoelhado á campa de um Eleito.

Ao sepulchro fazia sentinella
O Anjo da Saudade e da Tristeza,
Suspendendo na dextra uma capella,
—Homenagem sincera da pobrêza.

A Patria, n'um soluço de agonia,
Consternada fitando este scenario,
Recordava os lamentos de Maria
Na tarde lacrimosa do Calvario.

.. ..

E a essencia do justo, pura e leve,
Entre flocos de luz aureolada,
Se tranforma n'um passaro de neve
E vôa pela esphera constellada.

(Da Poliantéia do "Oito de Setembro").

A QUEM SE DEVE O BUSTO DO PADRE JOÃO MARIA

Luis da Camara CASCUDO

A qualquer hora do dia e nas primeiras da noite a praça João Maria assiste o espetáculo emocionante da fé popular ao grande vigário de Natal.

Dezenas de velas ardem, votivas, pagando promessa ao ao inesquecível apóstolo que me batizou.

Homens e mulheres ajoelhados, oram deante do seu busto.

O busto em bronze, trabalho de Hostílio Dantas, tem sua história e quero recorda-la justamente agora, no meio centenário da morte do Padre João Maria Cavalcanti de Brito.

O Padre faleceu a 16 de Outubro de 1905 e a cidade inteira chorou sua morte,

Pedro Soares de Araújo Filho funcionário do Tesouro do Estado, era um devoto de João Maria. Rapaz de 23 anos, dedicou-se quase ùnicamente à sua idéia, um monumento para o Vigário. Juntou todo noticiário dos jornais, discursos, conseguiu a publicação de um volume, vendendo-o para obter os primeiros recursos. Não teve mais sossêgo nem pausa. Falava no monumento como de necessidade imediata e vital. Fazia publicar notícias nas datas do nascimento e morte de João Maria. Não deixava apagar o sentimento de solidariedade no espírito do povo. As subscrições renderam relativamente pouco. Pedro Soares Filho foi o animador teimoso, o missionário da homenagem, falando, discutindo, lembrando, pedindo, convencendo. Tudo quanto recebia, recolhia, anunciando nos jornais, insistindo nos apêlos.

Sem êle não acredito que João Maria tivesse seu busto em bronze. Pedro Soares Filho è credor de tôda admiração ao seu devotamento incansável e diário.

Finalmente Govêrno e Clero auxiliaram-no.

O desembargador Ferreira Chaves, Governador do Estado, prometeu pagar o que faltasse para a justa lembrança. Raimundo Hostílio Dantas modelou o busto. O Escrivão Federal Francisco Ribeiro Dantas serviu de modêlo para a cabeça.

Veio a epidemia da "influenza" e Pedro Soares Filho faleceu a 14 de maio de 1918. Nascera na cidade do Assú a 26 de junho de 1882.

A 9 de agôsto de 1919, 38° aniversário da posse de João Maria na paróquia de Natal, o busto foi inaugurado. O pedestal, granito de Lajes, foi trabalho de Miguel Micussi. O Bispo dom Antônio dos Santos Cabral, hoje arcebispo de Belo Horizonte, celebrou a Missa. O Governador compareceu. Ao redor do monumento, povo e flores. Manoel Dantas foi o orador. Uma menina do Azilo «Padre João Maria», Maria de Souza Cabral, disse um sonêto de João Soares de Araújo que também falou. Fortunato Aranha, no exercício da presidência da Intendência Municipal, recebeu o monumento. Nestor Lima, 2° secretário do Instituto Histórico lavrou a ata.

As bandas de música do 40° Batalhão de Caçadores e dos Escoteiros do Alecrim tocaram. A Congregação Mariana de Moços ornamentou a praça. Trinta e seis anos passaram...

Não vamos esquecer Pedro Soares Filho que não chegou a ver o sonho realizado. Lembremo-nos que o velho Pe-

dro Soares recebera do filho a herança e levou-a para diante com aquela perseverança risonha que era uma característica do seu temperamento.

No meio centenário da morte do Padre João Maria, nas comemorações religiosas com que a saudade e gratidão natalenses recordarão o incomparável Vigário de Nossa Senhora d'Apresentação, reunámos, entre as homenagens, o nome de Pedro Soares de Araújo Filho a quem devemos o busto de um futuro santo nos altares da Igreja Universal.

Natal, agôsto, 1955.

★ ★ ★

RECORDAÇÕES DE UMA GRANDE VIDA...

Nestor LIMA
Presidente do Instituto Histórico

Quando cheguei a esta cidade, em 1899, entrei logo em relações com o Vigário de Natal, em virtude de uma recomendação de meu vigário e mestre, no Assú, conêgo Estevam Dantas.

Então, regía a paróquia de Natal o padre João Maria Cavalcanti de Brito, sertanejo de Jardim de Piranhas, no Caicó.

Fui admitido como seu acólito devido àquela recomendação amistosa e passei a prestar serviços na Matriz de Natal, juntamente com Luiz Antônio e José Luiz Cavalcanti de Barros, sobrinhos do vigário.

Durante quatro anos, estive nesse mister, ao mesmo tempo que trabalhava na tipografia do «Diário de Natal» e depois, na «A República», até janeiro de 1904.

Pude conhecer de perto e conviver mais intimamente com o Padre João Maria, o modesto e piedoso vigário de N. S. da Apresentação.

Acompanhava-o, especialmente aos domingos, nos atos

de religião, nas missas, novenas, têrços, viáticos, e mais exercícios espirituais. Tive, com êle, muitas vêzes, de acalmar o vozerio do povo, após as missas, quando êle reclamava contra as tumultuosas palestras, que se faziam na Matriz.

Lembro-me bem de um exercício, à noitinha, em que êle pregava do pequeno púlpito e certo rapaz falava na arcada a ponto de interromper a sua prática. Êle sentiu e mandou calar o importuno. Êste não atendeu e continuou. Novamente o vigário exigiu silêncio. Não foi atendido. Outra vêz, o padre João Maria encarou o imprudente e perguntou:

—Quem é êsse péssimo que está aí conversando?

Houve risos com o superlativo, em o auditório.

Na sacristía, vi tantas vêzes que êle dava as poucas espórtulas que recebia pelos serviços paróquiais, sem saber quanto era que dali retiravam os pedintes habituais.

Sei do episódio da rêde que êle deu a um pobre e ficou dormindo num sofá que existia, lá em cima, no consistório.

Vi-o depois, no período da variola, em 1905, visitando os doentes e levando-lhes comida e homeopatia, que êle mesmo preparava.

Mas, vi, também, a apoteose que êle recebeu no dia de sua morte, a 16 de outubro daquêle ano, quando o povo de Natal, inclusive o ministro protestante, sr. Porter, tributou-lhe as maiores homenagens a caminho do Cemitério do Alecrim, aonde foi sepultado.

Natal, agôsto, 1955.

* * *

OFERENDA ANIVERSÁRIA

Palmyra WANDERLEY

Padre João Maria, padre santo,
Canonisado pelo amor do povo,
Que ainda carpe o amargo do seu pranto!

Tú, que foste, na terra, assistente bondade,
Onde a dor existia;
Tú que foste tão nobre
Levando o leite e o pão,
Na choupana do pobre,
Na peregrinação da caridade,
Durante a epidemia,
Que assolou a cidade;
Tú, que enchias a bilha de agua doce,
Onde amargura havia
E as feridas tratavas docemente,
Do mendigo doente;
Tú, que a lenha acendias sôbre a trempe
Para o caldo aquecer,
Do pobre abandonado,
E a tua vida expunhas
Ao contagio do mal,
Nas palhoças de dor, das ruas de Natal;
Tú, que davas até o pano da batina.
Que te davam,
A quem te suplicava um cobertor...
E dormias no chão,
Quando cedias o lençol e a rêde,
Aos indigentes,
Num impulso de amor
Pelos doentes...

Recebe lá do Céu, boníssimo vigário,
Levita do Senhor, anjo de caridade,
Na patena do sol, que as nuvens vence,
O rosário de lágrimas e preces
Desta tua cidade...
E o coração ainda inconsolável,
Do povo Natalense,
No teu cinqüentenário de saudade.

Natal, setembro, 1955.

★ ★ ★

PADRE JOÃO MARIA

F. Pinto de ABREU

Não venho fazer um panegyrico. Quero dar apenas o meu depoimento acerca de um facto extraordinario: a glorificação de um heroe obscuro no meio de um povo reconhecido.

Heroe?

Nem a pompa de um guerreiro invicto, nem a sagração mirifica de um genio excedêra siquer a singeleza immacula d'aquelle justiçamente franco.

Como um céo de tempestade, ha scintillações na mente ennegrecida. A consciencia muita vez é como um relampago.

Mas o que eu vi no dia 16 de Outubro era antes um clarão alvissimo de affecto e uns tons violáceos de saudade nimbando o cadaver de um simples em marcha para um campo santo.

Não exagéro dizendo que toda a capital lá esteve, desde o alto depositário do poder ao representante humilde dos que nada podem.

Foi então que elevei-me acima dos homens e cotejei no fôro intimo o preço daquellas duas offerendas: a homenagem convencida do grande e a lagrima reconhecida do pequeno.

Não sei qual mais admire, se a imparcialidade da justiça ou a pureza da gratidão.

Treguas ao pessimismo dissolvente do seculo!

Ainda tudo não se perdeu. Por entre os destroços dos velhos idéaes resurge, como um diamante perdido, a joia que se chama virtude. Mesmo ao toque de mãos sacrilegas, brilhará na eternidade dos tempos.

Repito o que uma vez doutrinei: ha no fundo do coração humano uma gravitação natural para o bem.

Está formulada uma lei de equilibrio moral, como se descobriu o principio que rege o mundo physico.

O bem é a ordem, a harmonia e a paz.

Elle será sempre procurado, qual a "meta fervidis" do poeta.

Em que pése aos sectarios do *determinismo,* podemos

dirigir as nossas acções, temos a faculdade de nos aperfeiçoar; e tanto é assim que se promulgaram os codigos, estabelecendo penas para os transgressores.

É um processo de selecção moral.

Mas é preciso antes de tudo começar acreditando, e não duvidar desde o começo.

A crença é um faról de eterno brilho no mar indomito que conduz á gloria e ao sacrificio.

Feliz d'aquelle que crê!

A omnipotencia do heroismo é um dos milagres da fé. Aqui não existe uma gymnastica de palavras; ha uma singular mecanica de idéas soberanas.

Sabeis, contemporaneos, porque nos assombra agora o tamanho de nosso heroe?

É que o vimos sempre diminuido na pessôa e haveres, humilde entre os mais humildes e pobre entre os mais pobres.

«Quereis ser grandes? (disse um sabio catholico) começai por ser pequenos».

O abnegado cura natalense praticou a verdadeira caridade de que fala S. Agostinho: «Não é o homem que dá o seu dinheiro que é o verdadeiro bemfeitor. Bemfeitor é aquelle que dá a si mesmo.

O nosso vigario repartiu-se pela pobreza com a prodigalidade de um nababo. Teve, pois, de cair extenuado, como aquella sentinella de Pompeia que pereceu no seu posto entre cinzas e chammas, n'uma grande erupção do Vesuvio.

Lá, no Muzeu de Napoles, ainda existem a lança, o escudo e a cota d'armas do soldado valoroso. Aqui um sem numero de factos, que já vão passando aos dominios da lenda, perpètuarão para todo sempre a memoria de um vencecedor vencido.

Natal, Novembro de 1905.

Da Poliantéia do "Oito de Setembro"

PADRE JOÃO MARIA

Damasceno BEZERRA

No 30° anniversario de sua morte

Tua existencia apenas se compara
á luz do sol, que anima as solitudes
e, por egual, fecunda, beija e aclara
valles floridos e asperos taludes.

Sereno, em meio ás provações mais rudes,
com que pureza commovente e rara
praticaste a mais bella das virtudes
—segundo o Mestre aos homens ensinara!

Que thezouro entre o povo repartiste,
dando pão ao faminto, agua ao sedento,
curando o enfermo, consolando o triste!

Gloria da Igreja! lá da eternidade
attende, hoje, ao clamor do teu armento
errante pelos ermos da saudade.

Natal, 3–10–35.

Da «Poliantéia» da Liga Artístico-Operária», em 1935.

O PADRE JOÃO

(Val de Lyrios)

Ezequiel WANDERLEY

Padre, a tua egreja vai reunir amanhã a assembléa dos crentes.

Quando a musica das aves contrastar com o gemer dos sinos, lá estarão elles, cheios de tristezas e de saudades cheios.

Ali, á luz tranquilla do olhar dos mysticos, transparecerá o teu vulto de clerigo piedoso, com uma gondola celeste.

E a nossa magua e o nosso affecto ver-te-ão ainda balbuciando orações, ante a magnificencia dos altares docemente aromados de incenso e mirra.

A grandeza da tua memoria, padre, é o consolo de nossa recordação.

Temo-la indelevel, palpitante, no sacrario da alma, como uma hostia de luz no pallio azul da consciencia.

Que importa tenhas morrido? Não vive, não viverá sempre o teu fecundo exemplo?

Que importa a decomposição da materia? Não tiveste, como D. Bosco, a glorificação do espirito?

* * *

Padre, quando agonisaste, ungiram-te o corpo as lagrimas da terra. Quando morreste, padre, cobriram-te o esquife as bençãos do céo.

Partiste, levando no coração o balsamo da Crença que conforta, as scentelhas da Fé que illumina.

Si a Crença é um dogma, a Fé é um Evangelho.

Irmãs gemeas — a Crença e a Fé.

A primeira encaminhou-te para a Bemaventurança.

A segunda conduziu-te até Deus.

Se é bello ter crença, é divino ter Fé.

O que é bello admira.

O que é divino deslumbra.

Os heróes da guerra vencem sacrificando a vida.

Os heróes da Egreja triumpham purificando a alma.

Vencer não é triumphar.

Onde apparece um vencido ha jorros de sangue.

Onde surge um triumphador ha jorros de luz.

O sangue é o rubro pavilhão do exterminio.

A luz é a branca aureola da civilisação.

* * *

Padre, se bem comprehendeste, melhor executaste a sublime noção dos teus deveres.

Quem te fez simples? — A tua humildade.

Quem te fez justo? — A tua consciencia.

Quem te fez santo? — A tua fé.

A humildade pode ennobrecer.

A consciencia deve alentar,

A fé, porém, glorifica.

Não foste um sibarita.

O teu augusto ministerio não se reflectiu apenas entre as esmaecidas paredes de tua egreja. Não! Elle desdobrou-se ainda em torno das miseras choupanas, onde quer que a deficiencia do Pão denunciasse a vacuidade do estomago.

Aguia da Caridade e da Misericordia, abrigaste ao calor de tuas azas pandas toda uma caravana de beduinos da Ventura...

Na constellada mansão dos predestinados é onde deves permanecer, pelas graças, pelos beneficios que á face da terra derramaste, enviando canticos a Deus.

* * *

Eu creio na immortalidade da alma, padre, como creio na pureza das lagrimas de Magdalena, banhando outr'ora os lividos pés do meigo Nazareno.

Eu creio na immortalidade da alma, como creio na sinceridade d'essa Dôr innominavel que enlaça num só amplexo e confunde numa só tortura a legião dorida dos illuminados pelo codigo de tua moral.

Eu creio na immortalidade da alma, como creio no bello doutrinar de S. Agostinho quando aconselha a fazemo-nos pequenos para conseguirmos ser grandes.

Foi isto, padre, o que serenamente fizeste na Via-Dolorosa da existencia.

Desceste ao ultimo degrau da humildade e subiste ao derradeiro throno da abnegação.

A recompensa não se fez esperar.

Teu nome desfraldou-se em bandeira de uma Religião.

Essa bandeira é um symbolo.

Esse symbolo é a arvore de uma idéa.

Essa idéa anceia e cresce, evolue e palpita, sempre triumphante, victoriosa sempre.

As tuas bemditas virtudes realisaram a apotheose de teu espirito.

Como é bom ser bom, padre!

Da *A Republica*, de 3 de Novembro de 1905.

PÉTALAS DE SAUDADE

Ricardo S. da CRUZ

Pela passagem do cinqüentenario da morte do Santo Levita do bem, Padre João Maria Cavalcanti de Brito.

Chora o cipreste o pranto da Saudade,
Chora o rebanho a ausência da pastor,
Ouve-se o vagido desta humanidade,
Sem ter quem amenise a sua dor...

Surge a tarde e o sol perde o calor,
Vai morrendo também a claridade,
Vem a noite, e o manto de pavor,
E as lágrimas sentidas da orfandade.

Oh! Levita do Bem, angelical,
Derramai lá do Céo sôbre Natal
Essa vossa sublime proteção...

Neste dia de preces fervorosas,
Daqui vos ofertamos muitas rosas
Para ornarem o vosso coração.

Natal, 16—Outubro—1955.

PADRE JOÃO MARIA

Padre Luiz MONTE

O seculo em que vivemos, affeito á tangibilidade das observações experimentais, procura vinculo ás inter-acções humoraes, simultaneamente o mais hediondo e abjecto dos crimes, e os mais desinteressados de virtude e de heroismo. Virtude ou vicio, alegria ou magua, honestidade ou crime, são manifestações do determinismo constitucional. Negando ao homem a liberdade volucional, priva-lhe do direito de *ser bom*, nega-lhe a liberdade de *ser mau.*

Cerceando-lhe a imputabilidade, torna-o incapaz de merito e demerito. derruiu por terra o altar votivo, em que as gerações têm invocado os seus heroes e seus santos, como numes tutelares da patria.

Fé, heroismo, virtude, sacrificio, abnegação é temperamento. Torpeza, crime, crueldade, apenas uma determinação hormonica.

O diamante talhado em rosa, brilha como uma estrella lapidada, com todos os cambiantes do arco-iris. O liro desabrocha no prado em tôda a magestade de sua alvura explendida. Mas que merito terá o brilhante que fulge, e o lirio que rescende? O heroi que passou como um semi-deus vingador pelos campos de batalha; o santo cujo nome labios tremulos repetem nas horas de dôr e de agonia — apenas a omnipotencia tiranica dos hormonios.

A innanidade de taes conceitos, felizmente, não tem podido resistir, na sua inconsistencia flagrante á rigidez dos argumentos logicos e ao testemunho da consciencia. Os povos continuam a levantar aos seus herois aras votivas no pantheon dos immortais. Aos santos a alma catholica ergue ainda para o céo a flecha ousada das cathedraes goticas. Não ha negar, no pantano das abjecções moraes sobrenada a virtude com fulgurações de sol, como sobre a podridão do charco, a pureza phosphorescente do fogo-fatuo.

Padre João Maria, na sua bondade captivante, na sua caridade illimitada, no seu heroismo sem alardes, tem sido uma dessas figuras que o tempo e o esquecimento não soem desbotar. O tempo, que para muitos cava abismos de esque-

cimento, levantou-lhe um pedestal magnifico, onde a geração presente queima o incenso da gratidão e do reconhecimento. Padre João Maria foi um artista. Do bloco informe de marmore não fez brotar as linhas delicadas duma estatua; sua mão jamais delineou os contornos duma tela famosa; foi comtudo um artista inexcedivel.

No homem, como nas plantas, se debatem forças contrarias, antagonicas. A alma tem seus tropismos. Uns, impelem-no para o alto numa ansia de luz e de sol; outros arrastam-no para a terra, para a humidade, para a escuridão. Maior que o espaço pelo pensamento, maior que o tempo pela immortalidade, o homem sente no claro-escuro do subconsciente fermentar as larvas dos instinctos. Grande artista foi o Padre João Maria, que da massa inconsistente da vontade, plasmou a estatua grandiosa de um caracter. Resistindo ás solicitações tropicas do homem terreno, soube polarizar as tendencias de sua alma, e as faculdades do seu formoso espirito para o norte do bem e da virtude.

E a virtude do Padre João Maria não foi temperamento.

A bondade captivante que tanto o distinguia, não era filha dum temperamento apathico e frio, incapaz de reagir. Sua caridade não era resultante de natias psycologicas ineluctaveis,

Quem lhe conhecesse a constituição impulsiva e os caracteristicos do seu typo psycologico, conviria de certo, que a virtude nelle foi o resultado dum trabalho indefectivel, acurado, persistente.

Natal, outubro, 1935.

Da «Poliantéia» da Liga Artístico-Operária», em 1935.

★ ★ ★

A MINHA HOMENAGEM

João Carlos de VASCONCELOS
(JOTACÊ)

Não será demasiada a minha opinião neste humilde trabalho comemorativo do cinqüentenário da morte do Padre João Maria — o primeiro Santo Brasileiro, canonizado pelo consenso unânime dos POTIGUARES — contemporâneos e pósteros — êstes, conhecedores que são, através dos seus maiores, da vida santificada dêsse inimitável Pastor de almas, filho do Caicó, terra ainda não satisfeita de ter sido berço de tantos homens ilustres, esmerou-se na formação dêsse grande espírito, plasmado nos divinos ensinamentos do Divino Mestre, para, sem ostentação, desbravar, a golpes contundentes de abnegação, de fé, de caridade, de desprendimento das coisas terrenas, de humildade e de amor ao próximo, o difícil caminho, só percorrido pelos Bemaventurados, que conduz ao reino de Deus, como um dos seus eleitos, para espargir bençãos por sôbre a cabeça dos pobres e dos humildes, dos desamparados e dos descrentes, que ainda hoje, Padre, choram o teu desaparecimento, pranteiam a tua falta e exalçam a tua memória.

Felizes os que evocam o teu nome nas horas angustiadas da vida, implorando alívio para as suas dores materiais; felizes os que chamam o teu nome santo, suplicando lenitivo para as suas dores espirituais.

Mais felizes do que todos êsses, Padre, são os que tiveram a inaudita ventura de beijar as tuas santas mãos, purificadas pelo teu Apostolado; são os que sentiram o calor de tuas mãos acariciando as suas cabeças pequeninas; são os que privaram da tua amizade e do teu convívio... Êsses, Padre, já não são muitos... e os que ainda não foram ceifados pela Parca, se esforçam para, não com os contornos miríficos de lenda, passar aos novos, a notícia da tua sublime peregrinação pelas nossas ruas, de Cruz em punho, distribuindo o Pão para o corpo e a Hóstia para a purificação da alma.

Padre, o teu Nome Santo nunca deixará de ecoar dos lábios dos que te conheceram pessoalmente e dos que te conhecem através da história de tua passagem pela terra, a

serviço do Senhor, ensinando os salutares preceitos do Evangelho, pregando a Fé, praticando a Caridade, exaltando e divinizando o Amor ao Próximo.

As velas queimadas, tôdas as noites, ao pé do teu busto, na praça do teu nome, antiga da "Alegria" e que bem poderia ser da "SAUDADE", demonstram o espírito cristão do nosso povo, pagando graças alcançadas por tua intercessão junto a Jesús e a Maria Santíssima.

Todos que por lá passam balbuciam uma prece. Os homens descobrem-se. As mulheres ajoelham-se. Quando eu passo por lá, paro, tiro o chapéo, contemplo-te, e pronuncio sempre estas palavras: "PADRE VELHO!..." Sòmente os santos podem e sabem compreender o verdadeiro sentido desta exclamação, e o que eu sinto, dentro do meu "eu" ao pronuncia-la... e tu és um santo!...

E por isso, Padre, apesar dos meus pecados, ainda permaneço de pé...

Finalizando, faço minhas as palavras de Gotardo Neto, que, na cadenciada metrificação dos seus primorosos versos, cantou a sublimidade de tuas angelicas Virtudes:

"E quando do Exterminio o crepusculo desce
Sôbre a vida extendendo o tenebroso véo,
A alma do justo e bom não precisa de prece,
Não precisa subir porque já está no céo."

Natal, outubro, 1955.

★ ★ ★

RECORDANDO...

João Estevam G. da SILVA
Sócio Fundador e Benemérito da «Liga»

O "Oito de Setembro", revista católica, de oito páginas, iniciou a sua circulação aos 8 de setembro de 1897, fundando-a e dirigindo-a o saudoso Padre João Maria Cavalcanti de Brito, título escolhido, certamente, em homenagem

à Natividade da Virgem Maria, a quem êle, o bondoso Vigário, dedicava sincéra devoção.

Publicava-se quinzenalmente, custando a assinatura cr$ 5,00 por ano, passando a jornal de 4 páginas, circulando semanalmente, sendo impresso na tipografia "Central", do artista Augusto Wanderley, localizada na esquina das ruas da Estrêla e dos Preguiçosos, atuais José de Alencar e Professor Zuza. E o referido periódico doutrinava, instruía, orientava, chamava os fieis aos Deveres Cristãos, acolhendo em suas páginas colaboração proveitosa, tornando-se seus assiduos auxiliares os Dr. João Soares de Araújo, o Professor Rafael Garcia e o Poeta Gotardo Neto.

Conseguindo oficinas próprias, no Rio, por intermédio do Dr. Amaro Cavalcanti, irmão do Vigário e cavalheiro que muito honrou e honra o Rio Grande do Norte, pelo seu valor pessoal e pela sua cultura, foram as mesmas confiadas ao exímio artista Antônio Lustosa Cabral, o qual buscou nas oficinas da «A República» os operários necessários à confecção do «Oito de Setembro» : Diogenes Pinheiro e Joaquim Rodrigues, já falecidos, e o autor destas linhas, prevenindo-nos: «vamos trabalhar de graça, é o jornal de meu Padrinho, é da nossa Religião». Entretanto, aos sábados, não nos faltavam gratificações.

Nas referidas oficinas fizeram a devida aprendizagem o atual Dr. Vicente de Souza, jornalista e orador aplaudido e de muito conceito, e João Carlos de Vasconcelos. Êste tornou-se perfeito artista, amante da História, incansável nas buscas para recordar tudo quanto diz respeito ao engrandecimento da Pátria. Funcionário público federal, voltando a dirigir a Delegacia Regional do Trabalho neste Estado, sobram-lhe horas para cuidar do jornal «A Liga», que êle dirige, compõe e imprime, satisfeitíssimo, numa demonstração de estima à classe operária.

Lembremos, também, nestas linhas, os pranteados Pedro Soares de Araújo Filho e Joaquim Pelinca de Oliveira. Devemo-lhes o monumento à praça João Maria, lembrança dêsse filho ilustre do ilustre coronel Pedro Soares de Araújo, o que não conseguindo realizar porque falecêra quando se encontrava nisto empenhado, a sua distinta Família o fêz, e o Túmulo, no Cemitério do Alecrim, iniciativa de Joaquim Pelinca de Oliveira, de saudosa memória, quando na presidência da «Liga», com o concurso dos demais companheiros, es-

pecialmente o construtor João Ponche e pessoas outras que auxiliaram o empreendimento.

O sodalício começou por onde devia terminar...

É que, quando em 1904, a grande sêca obrigou o sertanejo a procurar a Capital, na primeira comemoração do «Dia do Trabalho», no Rio Grande do Norte, em sessão realizada na séde do «Clube Carlos Gomes», promoveu-se uma coleta entre os presentes, lembrança do saudoso Augusto Leite, em benefício dos flagelados, e a importância arrecadada, por deliberação unânime, foi entregue ao Padre João Maria, para o fim desejado, o qual, recebendo, abraçou os comissionados, abençoando-os, e à associação, desejando-lhes dias felizes.

E êstes não nos têm faltado, não têm faltado à «Liga Artístico-Operária Norte-Riograndense».

A «Liga». portanto, não esquecendo, jamais, esta dádiva do Céo, testemunha-lhe, constantemente, a sua gratidão, solidarizando-se com os que guardam no coração as palavras ouvidas, os seus sábios conselhos. E não sòmente palavras e conselhos; sobretudo, exemplos de bondade, de desprendimento, de amor ao próximo.

* * *

Na convivência diária com o Padre João Maria, testemunhámos os seus inúmeros gestos de bondade critériosa, elevada, acolhendo todos: rico ou pobre, de qualquer Partido Político ou de qualquer Religião.

Certa vez, num sábado, à tarde, terminavamos a impressão do jornal, desciamos, após o Joaquim Rodrigues, eu e o Diogenes, para a refeição.

Chegados à porta da Sacristía, estacionámos. Três senhoras convidavam o Sacerdote a ir ouvir em confissão uma pobre mulher, doente de varíola, em estado gravíssimo, sôbre fôlhas de bananeiras, acrescentando uma delas:

—Disseste ao compadre quem é a mulher?

—O que é que tem essa mulher?—pergunta o Vigário.

—É que ela... com licença da palavra... é *alegre*...

—É melhor do que triste respondeu êle.

—Não é isso não, meu compadre, é... *errada*...

—Eu sei, eu sei; vamos até lá, os direitos já estão aqui.

***

Bem razão teve Gotardo Neto, afirmando nestes lindos versos:

"E quando a alma procura a eterna Soledade,
Bem feliz o que deixa um clarão de saudade,
E um vestígio de dôr a palpitar na terra".

Natal, outubro, 1955.

★ ★ ★

PADRE JOÃO MARIA

Eloi de SOUZA

Há cinqüenta anos deixou a vida terrena o Padre João Maria. No transcurso de tantos anos, duas gerações continuam fieis à memória do seu Vigário. A tradição guarda a sua imagem no culto dos que, ainda hoje, recordam sua figura ungida por uma bondade que se entremostrava, vinda do coração, na fisionomia serena. Durante tôda sua vida foi um exemplo impressionante de fé e de coragem apostólica. Pode se afirmar ter nascido com a vocação que na idade de treze anos se confirmou pelo desejo veemente de ser padre, manifestado aos pais que o receberam com alegria piedosa.

Nessa idade iniciou a viagem para o destino que o haveria de sagrar sacerdote dotado de tôdas as virtudes que o fizeram digno da veneração de futuros rebanhos constituidos por uma sociedade que respeitava o padre como legítimo enviado de Deus.

Muito tempo já se passou; e a veneração daquela vida heróica, iniciada na juventude do seu ministério pela sêca impiedosa de 1877, foi a aprendizagem proveitosa para enfrentar outras calamidades também angustiantes. Foi aqui que a crise climatérica de 1904 o encontrou a serviço de sua vocação maravilhosa. Foi êste o maior flagelo que já açoitou a nossa terra. Pelos seus ingentes sacrifícios no serviço de

Deus, os conterrâneos ainda adoram hoje essa alma caridosa que está no céo para ouvir e atender com a mesma confiança ao Vigário perpetuado na nossa gratidão.

Antes da grande sêca de 1904 eu ainda o conhecia muito pouco, embora já soubesse da sua vida o bastante para uma admiração que cresceu até atingir o nível da devoção naquêles longos dias de misérias inenarráveis.

O flagelo varreu dos sertões longínquos para Natal mais de seis mil criaturas, sem pão e sem teto, vivendo da caridade pública e dos parcos recursos liberalizados pelo Govêrno do Estado e o auxílio dos irmãos do Sul, solícitos em acudir-nos pelo impulso de tão emocionante fraternidade.

Nas ruas centrais, nos arrabaldes e morros cobertos de arvoredo, refúgio e abrigo do sol de fogo que causticava a carne viva dêsses milhares de desafortunados, tudo era tristeza, desalento e desespêro.

O Padre João Maria foi o grande exemplo agremiador e condutor das vontades que o ajudaram nessa obra de salvação pública.

Se os colaboradores foram muitos, a sua caridade atuante multiplicou-se em cada minuto dos dias escaldantes e nas horas lentas das noites que, para êle, se contavam por horas tão longas que por tantas vêzes prolongaram sua vigília até o quebrar das barras. Êle sòsinho estava em tôda parte, confessando e consolando, indiferente ao contágio da varíola e de tantas outras moléstias contagiósas que a sêca multiplicou, numa virulência que a quase todos afugentava, menos ao Vigário, que na sua mansidão virtuosa encontrava na fé e nos deveres do seu apostolado a coragem indômita que lhe deu o privilégio de ser considerado santo.

Fui, naquêle tempo, um dos muitos vacinadores que por tôda área urbana, numa divisão proporcional à resistência de cada qual, cumpri a função de vacinador. Nessas andanças cotidanas inúmeras vêzes o encontrei debruçado sôbre as rêdes, quantas delas armadas nos galhos dos cajueiros, o santo Vigário confessando e absolvendo moribundos que nunca deixou sem a sua assistência a qualquer hora da noite, por mais distante ou mais soturna fôsse a parágem a que o devia conduzir o cumprimento de sua missão apostolar.

Residindo no Consistório da Matriz, a dois passos da casa das Irmãs tão pobres como êle, não foram poucas as noites que dormiu deitado sôbre as táboas duras do soalho

por haver mandado a rêde ao doente que naquêle dia havia encontrado estirado sôbre a areia, mal defendido o corpo esquelético pelos trapos imundos que o cobriam. Assim como dava a rêde ou as rêdes, dava as batinas, velhas e novas, que não tardavam estas a ser repostas pela munificência de algumas criaturas generosas. Se passava noites sem dormir na peregrinação pela cidade em exercício da sua atividade na sua missão sacerdotal, não foram poucos os dias que jejuou por haver matado a fome do retirante com o almoço que lhe mandavam as irmãs. Encontrei-o, certa vez, acocorado diante de uma trempe mexendo o caldo para um faminto solitário numa das muitas palhoças levantadas no morro a cavaleiro da Ribeira. Quando passou a sêca o padre robusto não era mais do que um pobre homem, magro e triste. Estava doente, mas nem os médicos, nem a família, conseguiram que interrompesse os seus deveres como vigário. Pouco a pouco a moléstia foi evoluindo e êle ficou, por fim, sem forças para celebrar. Só então obedeceu a ordem do seu médico de buscar, no morro de Petropolis um clima mais ameno à recuperação da saúde periclitante.

Quando a cidade soube que o Padre João Maria estava desenganado pelo Dr. Antunes, começou a afluir para a casa do doente uma correnteza de rio sertanejo sempre cada vez mais volumoso. Essa avalanche não pôde ser interrompida porque se aquêle e outros médicos proibiam rigorosamente visitas, o padre, pedia, rogava e por fim declarou, com uma vontade que era muito do seu feitio, querer ver e ser visitado pelo seu povo.

Não foi longa a sua vigília dolorosa. A fadiga causada naturalmente pela moléstia aumentou com as emoções da presença de tanta gente que êle, na sua bondade infinita, situava no nível de amizades indistintas e, por isso mesmo, mais comovedoras.

O desenlace veio, por assim dizer, inesperadamente, na manhã de 16 de outubro de 1905, um ano depois de sua batalha na vigência da sêca de 1904, para salvar, com o seu sacrifício, algumas criaturas, de outra sorte, levadas pelo turbilhão da inominável catástrofe.

Quando a cidade teve conhecimento de que o seu Vigário havia subido ao céo, a comoção borbotou nas lágrimas de todos os olhos. A cidade trancou suas portas. Rara foi a casa que não ficou vasia de seus habitantes adultos; homens

e mulhéres correram num alvoroço compungente em direção ao monte Petrópolis, na última visita ao bem amado Sacerdote. O seu entêrro foi uma homenagem dos natalenses representada por muitos milhares de pessoas de todos os crédos ao sacerdote virtuoso e ao homem que teve a coragem de ser bom.

À beira de sua sepultura falaram vários oradores, cada qual mais comovido e mais sincéro no elogio àquêle que voltava ao barro de onde todos saimos, para subir ao céo nas azas da caridade e que foi a sua virtude constante e atuante numa perfeita comunhão com o próximo.

Os que assistiram a essa cerimônia, sobreviventes daquêle momento de suprema angústia, ainda hoje guardam a emoção que despertou em todos os corações a palavra do Dr. Antunes, o médico oracular da cidade, que não professava nenhuma religião e só admirava os homens forrados daquêle heroismo que Carlyle também personificou em São Vicente de Paula: "Descança nos céos, alma ditosa, disse o eloqüente orador, teus atos nos servirão de estímulo para o bem; e a tua memória só desaparecerá da terra quando não houver mais noção de virtude e caridade ou quando um cataclismo sepultar a natureza na noite do cáos. Ainda assim, espectador contemplativo do delíquio da natureza, viverás eternamente no seio de Deus".

Hoje, assentado à mão direita de Deus Padre Todo Poderoso, êle também continua vivo na memória dos homens pela tradição que batizou São Vicente, Pai dos Pobres e dos desventurados.

Onde quer que se encontre sua efígie, no Cemitério do Alecrim ou na Praça da Alegria, dezenas de velas votivas ardem num tributo de gratidão espiritual.

Enquanto viveu, não houve moribundo que não pedisse sua presença, desejada como um consolo no fim da vida e a absolvição dos pecados na passagem para a eternidade.

Sua memória vive no meu respeito e na minha saudade, na evocação das últimas palavras com que Auta de Souza, a poetisa do "Horto", se despediu da pequena família, no esforço supremo dos lábios exangues, ao pronunciar, com as mãos agitadas, o "adeus" que ainda hoje revejo com lágrimas nos olhos: "o Vigário, o Vigário". Êsse Vigário de

quem ela se lembrou, naquela madrugada remota, foi o Padre João Maria, seu confessor, hoje santificado por uma tradição de bondade suave e de caridade humana.

Natal - outubro - 1955.

★ ★ ★

AGRADECIMENTO

Os escritos assinalados com a nota—Da Poliantéia do "Oito de Setembro"—devemos à devoção do saudoso conterrâneo Pedro Soares de Araújo Filho à santa memória do Padre João Maria, enfeixando em um volume, tudo que, na época, se publicou a respeito do desaparecimento do nunca esquecido Vigário de Natal.

Infelizmente êsse elucidativo trabalho esgotou-se, e sendo pouco conhecido entre nós, muitos dêsses escritos foram republicados nesta modesta homenagem, obedecida à grafia de então, que tanta recordação desperta no espírito dos que amam as coisas do passado.

A todos os que se prontificaram a prestar a sua valiosa colaboração literária para a feitura do presente fascículo, da qual resultará a sua maior aceitação por parte dos que cultuam e veneram a memória daquêle que, "para nós é um Santo e é um Justo para Deus",—os nossos agradecimentos.

Natal - outubro - 1955.

PADRE JOÃO MARIA

Elogio fúnebre pronunciado pelo Revdmo. Snr. Mons. José Alves Landin, a 17 de outubro de 1955, na Catedral Metropolitana, após a Missa de Requiem Solene, comemorativa do 50° aniversário de seu falecimento.

Exmo. Snr. Bispo Auxiliar.

D. D. Autoridades.

Minhas senhoras e meus senhores.

Quando Amaro, irmão de João Maria, em virtude de amarga desilusão, partiu de casa, à cata de outras terras sem se lembrar de que outras ilusões rondariam alí perto, para renderem a que se desfizera, era filho pródigo que partira, sem sobraçar herança partilhada, mas carregado de sonhos, impulsionado de esperanças, confiado na inteligência, no talento, no futuro. Era aventureiro precipitado, leviano, e ninguem poderia prognosticar se teria, na jornada, boa ou má estrêla.

Foi vivamente chorado pelos pais!

João Maria partira, também, para longe, mas arrastado por um impulso vocacional. O espírito genuinamente cristão, da casa, a piedade e bondade de d. Ana, foram ambiente assegurador da vocação de João Maria.

D. Ana e Mestre Amaro ensinavam as primeiras letras às crianças de Jardim de Piranhas(1) e cercanias como aos próprios filhos; e ensinar às crianças é abeirar-se das almas infantis. Mais ainda: é penetrar-lhes intimamente, como agarrá-las e sentir-lhes a consistência e a força que lhes garantirão o futuro.

Mestre Amaro afirmára que o primogênito seria um padre e o segundo, o seu homônimo, seria um doutor. Prognóstico, profecia ou gracejo ou senso prático que lhe dava o trato com o espírito infantil?...

Dr. Juvenal Lamartine, fino observador e arguto comentador dos homens e das coisas do Seridó, sustentou que Amaro era talentoso, atilado e vivo, como o genitor, e João Maria tinha a bondade e a fé, a caridade espontânea e generosa da sertaneja seridòense que crê em Deus e ama o próximo por amor de Deus, como d. Ana, a genitora de João Maria.

João Maria nasceu a 23 de junho de 1848, em Logradouro do Barro, a 9 quilometros de Jardim de Piranhas, município do Caicó, onde hoje S. Exciª. Revdmª. Snr. D. José Adelino vai solenemente inaugurar um monumento de bronze, comemorativo dos 50 anos de passamento do jamais esquecido Vigário João Maria Cavalcanti de Brito.[2]

O nascimento de João Maria ocorreu no ano da Revolução Praieira de Pernambuco onde deu a vida pela liberdade o grande brasileiro Nunes Machado. Nasceu sob o signo de lutas e de sacrifícios.

Tôda a mocidade de João Maria sintonizou com as lutas e as glórias do 2º Império de que a história guarda em estôjo de oiro os nomes sagrados de guerreiros como o Duque de Caxias, diplomatas como Silva Paranhos, de homens do mar, como os Almirantes Tamandaré e o Barão de Passagem. A Guerra do Paraguai foi o maior teste histórico que proclamou o subido valor, a ousadia intemerata, a bravura irrestrita das forças brasileiras... A História da Civilização transformou as lindes paraguaias em luminosas cátedras, decoradas de louros, onde tôda nação, embevecida e exaltada, escuta as grandes lições dos nossos bravos guerreiros. O noticiário de então morosíssimo que era, arrastado por um correio tardio e por um telégrafo ineficiente e mal distribuido, não deixou de influir decisivamente no espírito nacional.

A Guerra do Paraguai foi o último conflito internacional Sul Americano, no segundo quartel do século passado.

Ordenando-se em 1871, quando ainda os écos pareciam repetir todo o fragor das grandes refregas, onde a imagem da pátria se transfigurou de glórias, João Maria fêz de sua alma um santuário onde seu Deus e sua Pátria recebiam o culto de uma fé esclarecida e de um patriotismo acendrado e construtivo.

Com a guerra todo o Brasil passara horrível crise. Os campos do Seridó, à mingua de braços, não ofereciam senão

parca colheita. A vida econômica sofreu grande hiato. Quase que Joãosinho — apelido caseiro de João Maria, — se viu na dura contingência, em 1869, de não poder voltar para o Seminário, nem continuar os estudos.

Não fôsse o Coronel Azevedo, amigo de Mestre Amaro, de quem fôra aluno, o qual arrecadara na família e entre amigos a importância de 2:000$000, para ajudar ao Joãosinho, êste teria que adiar a sua ordenação.

Foi na Igreja da Conceição da Prainha do Seminário de Fortaleza, Ceará, onde, em 1871, se ordenou de Presbítero o nosso Cura d'Ars.

Os ordenandos eram 69, contando-se os tonsurados, os menoristas e os de ordem sacra. Eram 19 presbíteros, 6 paraibanos, 5 cearenses, 4 pernambucanos, 3 norte rio-grandenses e 1 alagoano. Os 3 norte rio-grandenses foram: João Maria Cavalcanti de Brito, Franscisco Constancio de Castro e Joaquim Francisco de Vasconcelos. Havia vacância episcopal em Pernambuco. Governava-o o Capitular Cônego João Crisóstomo de Paiva Torres que assinou as habilitações canônicas e lhes deu as demissorias para o Bispo de Fortaleza — d. Luiz Antônio dos Santos. O Rio Grande do Norte era Diocese de Olinda.

João Maria recebeu a prima tonsura e as ordens menores em Pernambuco. Com dispensa dos interstícios canônicos, ordenou-se de subdiácono, no dia 6 de novembro, de diácono, no dia 19 e, no dia 30, estava sacerdote, conforme se lê no livro dos ordenados de Fortaleza, nº 1, fls. 53, em têrmo assinado pelo escrevente da Cúria Episcopal, Taurino Justiniano da Silva Donetes.

Para chegar a Natal, serviu João Maria nas seguintes paróquias: Flores, Acarí, Santa Luzia e Paparí, em cujos arquivos nada se encontra a respeito.

30 de novembro de 1871 — ordenação de João Maria.

21 de dezembro de 1871 — preconização de Frei Vital Maria, como Bispo de Olinda. Foi o 21º Bispo de Olinda. Foi o sucessor de d. Francisco Cardoso Aires, bispo também santo, glória do episcopado olindense, nome histórico, fundador do Seminário de Olinda, aquêle viveiro de heróis que mãos sacrílegas não venham jamais a arrasar, sem ficar impunes.

No mesmo ano de 1871:

Vital Maria é Bispo...

João Maria é sacerdote...

Coincidência ou providência?!

Os dois Maria não pertencem a Pernambuco ou ao Rio Grande do Norte; não pertencem à igreja de que foram servidores, porque figuram nos faustos da História, porque pertencem a História. Para arrancar êsses nomes das páginas da História fôra mister rasgar e incinerar a mesma História da Civilização.

A Questão Religiosa no Brasil afigurou-se, no seu triste epílogo, o triunfo da impiedade sôbre a fé!... Engano... Quando passou a agitação e tudo serenou, a justiça e a verdade, o direito e a religião sobrenadavam triunfalmente para a confusão dos maus e dos ímpios.

João Maria assistiu a essa luta com espírito evangélico, com os olhos no céu donde descem para os bons tôdas as bençãos de Deus. Nestes quandos terríveis da malfadada Questão Religiosa, com a lucidez e a objetividade dos homens compreensivos de nossa éra, percebeu que a maldade dos homens não enxerga limítes nem restrições para chegar ao triumfo e assentou consigo mesmo que a bondade de seu coração não catasse limítes nem restrições para a conquista dos maus. É assim que João Maria foi bom quanto pode ser bom aquêle que faz o apostolado sem trena nas mãos, sem código para coarctar as expansões de seu espírito generoso.

João Maria tinha talento e tinha cultura. O decênio que passara no Seminário de Olinda não tinha sido um tempo inócuo e inexpressivo: cumulou riquezas para o espírito, qualidades morais para o coração, Êle não foi aluno medíocre. Provou-o quando do concurso a que se aventurou em 1876. Inscreveu-se para a Paróquia de N. S. do Ó de Paparí e saiu vitorioso. Nomeiou-o d. Vital, com o beneplácito de sua Majestade.

O signo de lutas e sacrifícios em que nascera, lhe encaminhara a angustiosa calamidade de 77 que o apanhou na 1ª Paróquia de sua responsabilidade. Paparí com a feracidade de suas terras, com suas lagôas sempre assoberbadas, foi um dos centros mais preferidos pelos flagelados e a bondade

do Vigário teve rasgos que desafiam as virtudes dos maiores santos.

Certa vez, a chegada, de surpresa, de uma leva de flagelados da sêca, fê-lo dar-lhes tudo que se tinha preparado em casa para o almoço. E fê-lo naturalmente...

A irmã comenta: Joãosinho, não temos o que almoçar!...

—Ora, Militana, fêz êle, um dia sem almoço não mata a ninguém... Faz pena é essa gente que vem sem comer há tanto tempo...

Com êsse diálogo poderia gizar-se o mais delicado perfil de um santo.

Em 7 de agôsto de 1881, no 1º decênio de sua ordenação, tomou João Maria posse da Paróquia de Natal, recebendo-a das mãos do Padre José Hermínio que a permutou pela de N. S. do Ó, em virtude da autorização do Mons. Vigário Capitular, Chantre José Joaquim Camelo de Andrade.

É em Natal onde melhor se cristalizam a virtude, o zêlo, a bondade, a inteligência do Vigário João Maria. Natal é uma terra santa porque nela pisaram os pés do Vigário João Maria. As Rocas, a Ribeira, a Cidade Alta, a Cidade Nova, o Monte de Petrópolis, o Tirol, as Praias, êle os freqüentava todos, desde que a caridade ou a piedade o reclamasse. Êle palmilhava, sem fadigas, tôdas as estradas. O burrico em que o imaginam montado, na faina de seu paroquiato, é mais simbólico do que real.

João Maria andava a pé, por tôda parte. Dir-se-ia fatigado, estafado, êsse andarilho da graça, o doce seguidor de Jesus que levava a tôda parte o encanto de sua palavra e a doçúra de seu amor.

Juvino Barreto manda-lhe, de presente, um jumento ajaezado, para lhe poupar os passos, com o recado: *o trato da alimária terá minha responsabilidade.* Natal com 25.000 habitantes tinha espaço e forragem para manter um burro. O padre mostrou-se agradecidíssimo. Mas, dentro em pouco, ei-lo que segue a pé por tôdas as artérias da cidade. Juvino Barreto indaga do jumento ajaezado! Tinha dado a um pobre que vivia tombando água, areia e lenha.

Dar sempre, dar a todo mundo, dar indistintamente era seu lema de vida. Muitos ajudaram-no na cidade do Princi-

pe,(3) para que se fizesse Padre e, para saldar êsse débito, jurara ajudar a todos em Natal, beneficiar a todos. Dava o seu espírito, dava seu coração, dava a sua indumentária, dava o seu dinheiro, dava o que lhe davam, dava tudo, sem se dar ao cálculo do que resultaria para si dêsse completo desprendimento franciscano.

Quem conhece os traços biográficos de João Maria, percebe, sem esfôrço, que êle não foi um Vigário confuso, que fazia caridade, que atendia aos enfêrmos, que exercia as funções religiósas, fora de um planejamento que tornasse mais eficiente a sua ação sacerdotal.

Se João Maria voltasse a ser pároco em Natal, não se sentiria desgeografisado no tempo e no espaço. Êle tinha jornal, tinha ação católica, tinha serviço social, tinha estudos de direito, de liturgia, de moral e dogma e de pregação, na assinatura que fêz, tôda a vida, da revista sacerdotal que se edita em Langres, na França, "L'Ami du Clergé", e que antecipou nêle tôda a mentalidade sacerdotal de nosso tempo.

Fêz brilhar o seu talento e sua erudição, nas páginas do "Oito de Setembro"; concretizou o seu esfôrço e o seu labor nas paredes da Igreja Nova que conseguiu iniciar e que em má hora foram arrasadas, não restando delas uma pedra sequer, (embora d. Eugênio, com aprovação de nosso amado Metropolita, haja reiniciado os trabalhos); saturou a alma natalense desta fé e piedade que ainda hoje ressumbra e trescala em tôdas as famílias.

Em vida nunca ambicionou nada, nunca teve nada. Nem lhe deram sequer os frisos vermelhos de um canonicato; mas o seu túmulo não podia fechar um cadáver anônimo. Seu túmulo se decorou de flores e se irizou de luz.

Faz hoje 50 anos que faleceu um herói, um santo. De João Maria poderia dizer-se, ante o sacrifício e o devotamento com que deu a vida pelos seus paroquianos: *É assim que se ama...*

.. ..

João Maria, após 50 anos de teu passamento parece que hoje estás mais vivo do que em tua vida. Tua herma, na praça de teu nome, aqui perto, vive sempre florida e iluminada, teu sepulcro no Cemitério do Alecrim, é visitadís-

mo, a Academia Norte Riograndense de Letras tem uma cadeira rubricada com o teu nome que os homens de letras emparelham aos mais ilustres da Terra Potiguar, a imprensa enche colunas e páginas com a tua história e eu mesmo tentei, debalde, a tua biografia no "Um perfil de Sacerdote", uma pleiade numerosa de Natalenses faz de tua memória um lábaro ou um fanal que conserva desdobrado ou aceso deante das multidões, podendo entre todos assinalar-se João Carlos de Vasconcelos que vem publicando alentadas poliantéias para a expansão dos intelectuais que te admiram porque anida crêem na virtude e no bem.

Nesta Catedral Metropolitana que vive impregnada do aroma de tuas virtudes, celebram-se ofícios fúnebres que mais parecem funções litúrgicas para a honra de algum santo e desta tribuna o Arcebispo Metropolitano, d. Marcolino Dantas, me mandou tentar êste elogio fúnebre que não passa de pequeno ramalhete de saudade que deposito no teu catafalco, como pálida homenagem do modesto sacerdote que passou 25 anos nesta Paróquia como Vigário, e não aprendeu, nem de longe, as lições que se acham escritas por tôda parte e não soube sequer soletrar as primeiras letras.

A tua vida te garante o céu; mas permite-me repetir com a Igreja: REQUIEM ÆTERNUM DONA EI, DOMINE, — Senhor Deus, dai-lhe o descanso eterno.

---

(1) Cogita-se da permuta do nome atual de Jardim de Piranhas pelo de Padre João Maria. As autoridades locais estão acordes, mas tudo depende de uma lei votada pela Camara dos Vereadores de Caicó.

(2) Já foi inaugurada a herma de bronze na principal Praça de Jardim de Piranhas. No Logradouro está construida, no local da casa em que nasceu João Maria, uma capela que recebeu as bençãos litúrgicas no dia 24 de junho dêste ano de 1957.

(3) Primitivo nome de Caicó.

O DISCIPULO DE CRISTO

Antonio de SOUZA

Esse foi effectivamente, nas virtudes, na perseverança, na caridade, no absoluto desapego das honras e dos bens terrestres, o verdadeiro discipulo do divino mestre.

Elle foi mais que o sacerdote, ungido segundo a Lei para celebrar os ritos e pregar a doutrina; fez mais que o enviado ás gentes para ensinar a verdade e conquistar almas —porque praticou durante toda a vida, sem tibiezas nem desfallecimentos, a doutrina augusta, porque deu o exemplo, porque foi, nestes tempos de egoismo, de vaidade e de ambição, o lidimo discipulo d'aquelle que pregou a caridade, a simpleza de coração e a humildade como o soberano bem.

Muito é pregar, e muito fizeram os que, após a morte do incomparavel amigo dos humildes e dos pequenos, sahiram mundo em fóra, para ensinar a verdade nova.

Mas, vinte seculos depois, no meio da vaidosa civilisação, tão corrompida por males de toda sorte, quando dessorada de sentimento e de amor, só o exemplo se pode ainda impôr ás almas, só elle tem força bastante para commover os corações e para lembrar aos homens a existencia dessas virtudes, tão antigas mas tão elevadas, que são a caridade e a humildade.

Por isso, esse parocho humilde de uma pequena cidade de provincia foi um phenomeno tanto mais admiravel quanto mais raro, no meio do pessimismo e da vaidade contemporanea, e uma demonstração brilhante de quanto pode ainda, para o fim de ennobrecer e elevar o homem, essa doutrina que já se considera caduca.

Ninguem mais do que elle soube comprehender e praticar a propria essencia da doutrina christan: como ministro, foi zeloso e observador intransigente da Lei sagrada; como doutrinador, foi infatigavel e perseverante como um confessor dos primitivos tempos; mas sobre tudo pelo exercicio quo-

tidiano da caridade, pela dedicação de todos os momentos aos pobres, aos enfermos, aos desprotegidos da sorte, é que ele foi admiravel.

O Mestre divino mandou celebrar o rito do pão e do vinho como symbolo da sua união com os homens; mandou ensinar ás gentes as verdades tão puras e os preceitos tão humanos e tão doces que elle mesmo ensinára aos seus discipulos; mas, acima de tudo, recommendou o amor ao proximo, a caridade divina sem a qual todos os ritos e todos os preceitos são inuteis e vasios.

E isso foi o que o padre João Maria comprehendeu e sentiu como é raro, como é admiravel haver quem sinta em epocha tão fundamentalmente diversa daquella em que o comprehenderam e sentiram os primeiros arautos da Boa Nova.

Quem ha por ahi, nessa terra em que os crentes o veneravam como a um santo, os adversarios em crença o respeitavam como um sincero e bem intencionado, e até os indifferentes o presavam pela profunda seriedade do seu caracter e pela sua inabalavel dedicação ao dever; quem ha nesta terra, em que elle foi, durante vinte e quatro anos, o modelo quasi inimitavel do pastor de almas, que desconheça os numerosos rasgos de dedicação, de desinteresse e, mais que tudo, de pura e ilimitada caridade, que são para nós já hoje quasi lendarios?

Toda gente conhece o trecho da vida d'aquelle santo arcebispo que, vivendo na humilde cella do convento em que professára, deu até, certa noite, o enxergão do catre e em que repousava, a uma viuva necessitada e ficou, por muitos dias, tendo como unico leito o assoalho da cella.

O humilde vigario de Natal, que nunca foi arcebispo, mas que bem mereceria um frei Luiz de Souza que lhe escrevesse a vida, deu tambem, uma vez, ás escondidas, sem que as dedicadas creaturas que eram as suas irmãs o descobrissem logo, a propria rede humilde em que repousava o corpo desde tanto alquebrado por tão numerosas fadigas, e dormiu o somno calmo dos justos sobre o assoalho da sacristia em que habitava.

E quantas vezes, elle, que só tinha uma sotaina nova quando lh'a davam, tirava dos hombros a capa que trazia para cobrir a quasi nudez dos variolosos indigentes emquanto

lhes ouvia a desoladora confissão dos derradeiros momentos e lhes dava os ultimos confortos de sua religião, e punha-a em seguida de novo sobre os hombros para ir, de dia ou de noute, ao sol ou á chuva, com saude ou doente, levar esses preciosos confortos a tantos leitos de moribundos!

Quantas vezes, antes ou depois do seu mistér sagrado, conforme este era menos ou mais urgente, elle ia, com suas proprias mãos aquecer um caldo ou preparar algum alimento para o enfermo desamparado!

Desses rasgos de caridade, triviais e quotidianos na sua vida em epochas de epidemia, como a recente, as memorias estão cheias; não, porém, o espaço de umas linhas, mas todo um livro seria necessario para archiva-los como o mais alto exemplo, o modelo mais commovente da caridade christan.

Bem digno de ser ministro de Jesus nos tempos doces em que, na phrase do classico, os calices do sacrificio eram de pau, mas os sacerdotes eram de ouro, elle era feito do estofo de que, ainda ha bem poucos seculos se faziam os santos. A sua fé foi integra e infrangivel como a dos martyres, a sua caridade incansavel e illimitada como a de Vicente de Paulo. Como este foi humilde e como aquelle confessou sempre a sua fé — em face do pessimismo ou do escarneo contemporaneos, mais temiveis para o coração do homem do que as torturas e as feras para o corpo dos primeiros christãos.

E ai dos pobres de Natal, ai dos pobres enfermos sobretudo, porque como elle, difficilmente, bem difficilmente, acharão outro.

Novembro, 1905.

Da Poliantéia do "Oito de Setembro"

★ ★ ★

GRAÇA ALCANÇADA

Venho fazer público, meu ato de fé patente, o meu agradecimento pela intercessão do glorioso Padre JOÃO MA-

RIA, no caso abaixo relatado, em favor da humilde serva que assina o presente proclama.

Aos primeiros dias do mês de junho de 1955, um diagnóstico médico confirmava a presença de uma catarata numa das minhas vistas, em marcha bastante adiantada. Tendo padecido da mesma moléstia na vista esquerda, quando, graças aos céus e a uma perfeita intervenção cirúrgica, vim a ficar completamente curada, passava, então, a temer, mais uma vez, com a outra vista fortemente ameaçada.

Lembrei-me do glorioso Padre JOÃO MARIA, que em minha cidade vinha, dia-a-dia, intercedendo em favor do nosso povo. Que o ateste a série de graças publicadas, e a enorme quantidade de ex-votos que adornam o seu busto, num atestado eloqüente do seu valor junto a Deus. Assim, a 16 de outubro daquêle ano, pedi os favores do santo em meu favor, naquela hora de aflição. Em dezembro do mesmo ano, um atestado do referido médico, confirmava que a moléstia regredia, para em janeiro de 1957, (dia 28), conforme atestado, devidamente reconhecido, um exame médico, feito no Recife, vir confirmar a paralisação da catarata.

Aqui estou, portanto, como portadora dêste agradecimento e proclamando, bem alto, os favores e os poderes do nosso sempre querido e lembrado Padre JOÃO MARIA, protetor da pobresa e bemfeitor do povo natalense. Vai êste meu proclama de agradecimento até Roma, onde se encontra em andamento o processo de beatificação do Padre JOÃO MARIA.

Que os céus, por intermédio do glorioso Papa Reinante, nos traga logo a boa nova tão esperada pelo nosso povo.

Maria do Carmo NAVARRO.

★ ★ ★

PADRE JOÃO MARIA

Dom MARCOLINO,
Arcebispo de Natal

Do Padre João Maria era corrente:
Vivia, como pobre, na humildade,
Modêlo singular de caridade,
Alma de escol, sem jaça, transparente.

Passou fazendo bem a tôda gente,
Sem distinção de classe, côr, idade.
E mergulhou, depois, na eternidade,
Deixando, em terra, um rasto reluzente.

Na História, que recolhe os documentos,
As palavras, ações e pensamentos,
A fama dêsse Padre é colossal.

Que a Santa Igreja, eufórica, proclame
E o povo, alegre, vibre, aplauda, aclame:
O Santo da Cidade do Natal.

Natal, 4/5/1957.

GLORIFICAÇÃO DE UM NOME

Cônego Eymard L'E. MONTEIRO

O nome do padre João Maria tornou-se um simbolo. O simbolo da caridade e do desprendimento. Aquêle que passou a vida exclusivamente devotado à miséria dos pobres e às lágrimas dos sofredores tem, agora, a sua glorificação no céu, através da sublime corôa de louros com que o Senhor Deus dos exercitos cingiu a sua fronte. Hoje em dia, ninguém mais tem dúvidas a respeito da santidade do apóstolo de Natal. Ninguém sofre que não lhe bata na porta. Ninguém chora que não lhe peça a toalha de uma graça com que êle tem enxugado o pranto e acalentado a dor. Por isso o seu nome se transformou num simbolo de amparo e de confiança e quantos passem diante da sua estátua plantada na praça do seu nome, não deixam de elevar até o céu, onde vivem os santos, uma prece suave de fé e de confiança. Eu que tenho a mesma dignidade do sacerdócio, embora muito indignamente exerça o meu apostolado, recorro sempre ao meu amigo de tôdas as horas, esperando que um dia, nós nos encontremos num lugar de recompensa pela incompreensão do mundo e pelas nossas privações anônimas.

PADRE JOÃO MARIA, um exemplo.

Vicente de SOUZA

Fui testemunha ocular, na minha infância, da vida apostólica e caritativa do Padre João Maria Cavalcanti de Brito, Vigário da Paróquia de Nossa Senhora d'Apresentação de Natal.

Sim, porque, efetivamente, falar sôbre a vida dêsse sacerdote; sua atuação apostólica no seio da sociedade em que viviamos na época; das virtudes acrisoladas que o fizeram digno do amor filial dos seus paroquianos; do seu desapêgo aos bens materiais, às vaidades humanas; seu acendrado amor aos pobres e desprotegidos da sorte; de sua vida que se constituiu uma série ininterrupta de atos de caridade cristã, na expressão do têrmo; falar, assim, seria necessário desdobrar, página por página, a história de um trabalhador incansável da vinha do Senhor, de um apóstolo em cuja existência se refletiram as mais acrisoladas virtudes, espargindo centelhas de luz na alma de sua gente.

O sacerdote católico de nossos tempos, deve ser, a exemplo do homenageado, o homem sem vaidades, vivendo em contacto com as massas pobres, prescrutando-lhes as necessidades espirituais e temporais; que se desdobre em atividades na assistência aos seus paroquianos; que os encaminhe para á vida eterna; que visite os enfêrmos; que vista os nús; que os conduza à última morada, segundo os conceitos divinos de Jesus Cristo.

Quando a epidemia da varíola grassou na cidade de Natal, num surto violento e cruel, já nos últimos anos de sua existência, dissipando vidas sem piedade, João Maria, com a solicitude sobrenatural, atendia a todos quantos necessitassem dos socorros da Igreja, dando-lhes vestuário, alimentos e remédios, sem embargos da chuva ou de sol, das canseiras quotidianas oriundas do ministério sacerdotal, indo ao encontro de seus paroquianos nos extertores da agonia e do sofrimento.

Êle foi, sem dúvida, um segundo Vicente de Paulo, na França.

Dêle bem disse o poeta conterrâneo Gothardo Neto, na singeleza destas expressões:

"Bem haja o que se foi no mistério do nada
Nas almas despertando um sentimento novo,
Ungido pela dor das lágrimas do povo,
Nimbado pela luz de uma afeição sagrada!"

À sua memória, a minha homenagem.

Natal, 15-7-57.

PADRE JOÃO MARIA E OS CANÁRIOS

Mons. Paulo Heroncio de MELO

Os santos que se irmanaram com a natureza, para cantar as glórias do Criador, sempre tiveram predileção pelas aves. E estas, por sua vez, também se tornaram familiares daqueles.

A São Francisco obedeciam as andorinhas. Em plena praça, em meio a uma pregação do santo, fizeram silêncio, enquanto Francisco pregava.

No momento em que o grande taumaturgo morria, cantando, as cotovias, no bosque vizinho, fizeram côro à grande alma que demandava o céu, saudando a eterna felicidade do "irmão" que partia para o infinito.

À memória e à santidade de João Maria um bando de canários prestou, certa vez, uma interessante homenagem.

Foi em 1926, em Caicó.

Andava eu pelo interior do Estado, comissionado pelo Sr. Bispo de Natal. D. Marcolino Dantas, para fazer propaganda e angariar donativos em favor do "Diário de Natal", nosso, então, jornal católico.

Nas vilas e povoados, improvisava tribunas pelas feiras, fazia o meu "comício" e estendia a mão que pedia. Nas cidades, arvorava-me em conferencista.

Estando em Caicó, a 1° de Novembro, e sendo então aquêle Município a terra do santo do Seridó, pois Jardim de Piranhas não era ainda autônomo, tomei por tema de uma conferência, no Grupo Escolar da cidade, o Padre João Maria.

20 horas, salão repleto de famílias. Dirigindo-me aos presentes, lembrei que naquele dia de Todos os Santos, estavamos, certamente, rendendo as nossas homenagens a um santo caicoense. E passei a citar os feitos heróicos do grande sacerdote, apóstolo de Natal, nos tempos da varíola. Recordei-o visitando os ranchos dos doentes, ministrando-lhes,

além dos sacramentos, os cuidados materiais, preparando-lhes os caldos e dando-lhes remédios. Lembrei o episódio do soldado que o encontrou, alta madrugada, pote à cabeça, carregando água para os variolosos. Falei da sua piedade, da sua morte edificante, cantando o hino "Tota pulchra".

Quando eu comecei a narrar aquêles fatos, um bando de canários entrou pelo salão e esvoaçou sôbre os presentes, enquanto eu revivia as virtudes do nosso santo.

O auditório ficou meio suspenso, arrepiado, como se diz. Não parecia a manifestação dos pássaros uma confirmação da santidade de João Maria?

O salão estava aberto e iluminado desde cedo. Estariam os canários encandiados? Porque chegaram precisamente na hora em que eu citava os atos de heroísmo do apóstolo de Natal? E porque saíram logo que terminei o assunto?

A coincidência não deixa de ser interessante. No dia de Todos os Santos... naquela hora...

O futuro confirmará, certamente, o nosso pensamento daquela noite, quando, um dia, a Igreja falar, proclamando a heroicidade das virtudes do santo do Seridó.

Currais Novos, agôsto, 1957.

★ ★ ★

O MEU TRIBUTO

João Carlos de VASCONCELOS

Quem, como eu, visita, tôdas as noites, às 18,30 horas, a herma de Padre João Maria, tem a doce impressão de estar em frente a um altar, contemplando, silencioso, a imagem de um santo, santo milagroso, tal o número de velas acesas, pagando graças alcançadas pela intercessão do espírito puro dêsse bonissímo apóstolo do Bem, junto à Onipotência Divina.

Pessoas de tôdas as condições sociais, homens, mulheres e crianças, indistintamente, rendem a sua homenagem àquele que, insatisfeito de ter feito, na terra, da Caridade um Apostolado, continúa, no céu, a derramar bençãos por sôbre àqueles que, nas horas atribuladas da vida, nos momentos cruciantes da existência, recorrem a João Maria, que conheceu de perto a miséria da humanidade, na sua ligeira e santificada passagem por êste Vale de Lágrimas, suplicando lenitivo para as suas dores, alívio para os seus sofrimentos.

Infeliz da Humanidade se Jesus Cristo e todos os Santos não tivessem passado pela vida terrena, sofrendo e assistindo o seu sofrer...

A santidade encerra em si o conhecimento de tôdas as coisas; lê, como em livro aberto, os mais recônditos pensamentos, as mais íntimas intenções. Mas o conhecimento em causa própria tem muito valor.

Daí o grande número de graças alcançadas por essa humanidade sofredora, cheia de pecados.

João Maria sofreu e sofreu muito... O seu sofrimento não foi material, foi moral. Sofreu, porque, nos últimos anos de sua preciosa existência, eram tantos os que sofriam, e êle impossibilitado de multiplicar-se, para atender a todos, ao mesmo tempo.

Um único pensamento está araigado na consciência do nosso povo : a santificação de João Maria.

A Igreja do Rio Grande do Norte já o reconheceu, na palavra dos seus expoentes máximos. E o povo do Rio Grande do Norte, pelo número sem conta de graças recebidas, já o proclamou. E não será, neste caso, que a veracidade do velho axioma—VOX POPULI, VOX DEI—venha a falhar.

O nosso Eminente Arcebispo Metropolitano, D. Marcolino Dantas, na sua facêta de cultor das Musas, fechando o seu inspirado sonêto de fls 68, exclama: — «O santo da Cidade do Natal».

Monsenhor Landim, erudito, pesquizador, em seus mínimos detalhes, da vida sublime de João Maria, declara, às fls. 61: — «Natal é uma terra santa porque nela pisaram os pés do Vigário João Maria». Só os Eleitos de Deus santificam os lugares por onde passam. Os pecadores nada santificam. E mais:

«O futuro confirmará, certamente, o nosso pensamento daquela noite, quando, um dia, a Igreja falar, proclamando a heroicidade das virtudes do santo do Seridó», expressões do culto Mons. Paulo Heroncio de Melo, às fls. 72.

E, para terminar no plano eclesiástico, demos a palavra ao dinâmico e esforçado Cônego Eymard L'E. Monteiro:— «Hoje em dia, ninguém mais tem dúvidas a respeito da santidade do apóstolo de Natal», às fls 69.

E, no campo profano, representando a vontade do povo, perfeito conhecedor da nossa História, Luiz da Camara Cascudo, na sua palavra autorizada, assevera, às fls 34:—«a quem devemos o busto de um futuro santo nos altares da Igreja Universal».

Ainda no campo profano, através da palavra falada de um dos mais destacados Sacerdotes, temos, no conceito popular, a afirmação categórica e multíplice, da santidade de João Maria.

Quem não ouve, às quintas-feiras, às 17,30, na Rádio Potí, o programa do Cônego Eymard, dando conta das dádivas recebidas, para a construção das obras católicas de sua iniciativa?

Coteje-se, de lapis em punho, não para verificar a aplicação das quantias recebidas—por que quem se entrega, de corpo e alma, a uma causa nobre, é um espírito superior— mas, para avaliar a imensidade de contribuições, modestas umas, vultosas outras, porém, tôdas unânimes em exalçar o reconhecimento ao Padre João Maria, pelas graças alcançadas pela sua intercessão. E quem tem o poder de alcançar tantas graças, não poderá ser sinão um eleito do Todo Poderoso, um santo, enfim.

E nesta convicção está todo o povo do Rio Grande do Norte, a terra que o viu nascer, que assistiu o desenrolar de tôda a sua existência, prégando o Bem, praticando a Caridade e sublimando a Virtude, e o vio morreu cantando... cantando... como só os santos sabem morrer, cantando.

* * *

A tiragem desta 2ª edição é de 1.100 exemplares, cem em papel de obra e mil em papel comum. Aquêles destinados aos colaboradores, instituições, autoridades e imprensa,

êstes, ao público, ao público consciente e que venera a santa memória do Padre João Maria, e não aquêle que pede por pedir, para depois vender o pequeno e útil fascículo, que custou dinheiro, trabalho e abnegação, ao comprador de papéis velhos, latas usadas e garrafas vasias, como aconteceu com um exemplar da 1ª edição, já esgotada.

Serão feitas as seguintes ofertas:

De 300 exemplares ao Exmº Snr Bispo Auxiliar, D. Eugênio Sales de Araújo, em benefício da realização do sonho fervoroso do Padre João Maria. É esta a minha terceira contribuição para a "Igreja Nova", tôdas modestas, mas cuja modestia é superada pela sublimidade do fim colimado.

A primeira, aos onze anos, em 1904, carregando pedras do "Morcêgo" e areia do "morro", tendo a frente o Vigário João Maria, carregando, também, a sua pedrinha, enfiada na ponteira do guarda-sol, e êste ao hombro, como uma espingarda,lembrando um verdadeiro soldado do Cristo, conduzindo as coortes da antiguidade, para o cumprimento de um dever sagrado, embalados ao som de hinos sacros, tirados por Sinfrônio Barreto, acompanhados pelos fiéis, de todos os sexos e idades.

Os primeiros passos foram dados; construídos ficaram os fortes alicerces. Esforço de um santo, na sua peregrinação pela terra!

E, na época, ninguém adivinhava que estava andando, lado a lado, de um santo... Que felicidade se o soubessemos!...

A segunda, em 1908, com o meu saudoso amigo, o Vigário Moisés Ferreira do Nascimento. Nas oficinas do "Oito de Setembro" imprimi, gratuitamente, milhares de recibos de contribuições e outros.

Os segundos passos foram dados; foram construídas tôdas as colunas internas, e quasi concluidas as paredes posteriores.

Depois... verificaram (ninguém quer ser sujeito dêste verbo, vai, assim, em sentido amplo, mas, vago) que a construção estava fóra do "eixo" da rua João Pessoa. Falando sôbre o assunto, Monsenhor Landim, na brilhante e histórica alocução proferida nas comemorações centenárias da aparição da Imagem da Virgem da Apresentação, na Pedra do Rosário, declarou: "e havia tanta coisa fóra do "eixo" no Brasil".

Foram dados os terceiros passos; demolição de tôda a parte contruída. Esforços altruísticos e maravilhosos de um Santo e de um Abnegado.

A minha terceira contribuição é esta—a oferta de 300 exemplares do presente trabalho.

—de 300 exemplares ao Cônego Eymard Monteiro, em benefício da Igreja do Padre João Maria, do Alto Juruá, e para compensar os 68 caibros e os 150 metros de ripas, ùltimamente roubados por um incréu.

—de 100 exemplares à Superiora do Orfanato "Padre João Maria", e, finalmente

—de 100 exemplares ao Frei Jorge de Massa, Guardião do Convento da Ordem Terceira dos Franciscanos, para as suas necessidades materiais, de todas os dias.

* * *

Enquanto viver, dispuser de uma tipografia e tiver fôrças para trabalhar, depois dos meus sessenta e quatro setembros, editarei, se Deus o permitir, a começar em 1958, o "16 DE OUTUBRO", anuário consagrado à memória do Padre João Maria — "o santo da Cidade do Natal", esperando contar, para isso, com a colaboração dos homens de letras de nossa terra.

Natal, outubro, 1957.

Nota. O revisor de provas tipográficas, como já disse certa vez, tem olhos, mas não vê; o leitor é que tem olhos e vê. Demais, quando êsse revisor é o próprio compositor, impressor, tudo, enfim. na oficina. Além de várias trocas de letras, de fácil correção, a penúltima palavra do segundo período, da página 9ª, é PAROCHO, ortografia antiga.

★ ★ ★

O QUE DISSERAM DA 1ª EDIÇÃO

Ao meu conhecimento chegaram sòmente os seguintes comentários, que passo a transcrever:

Do meu distinto e velho amigo, Comendador Ulisses de Góis, então na Capital Federal:

"Parabens excelentes publicações e agradecimentos generosa oferta. Abraços".

Da senhorita Dulce Wanderley, dileta filha do saudoso homem de letras, Ezequiel Wanderley:

"Agradeço desvanecida gentileza preciosa oferta evocativo livro".

De Perceval Caldas, meu bom amigo:

"Um valioso presente acaba vc. de me fazer com oferta sua sentida sincera homenagem saudoso Padre João Maria, que muito agradeço. Peço porém licença distinto amigo lembrar tiragem especial benefício obras nova Catedral, velho sonho nosso «Padre Velho». Abraços".

"5 Cronista e Delegado do Trabalho, o sr. João Carlos de Vasconcelos acaba de editar uma coletanea sôbre o Pe. João Maria. O trabalho constitue obra de vulto, inserindo cronicas e poemas sobre a vida e a obra do grande sacerdote natalense."

(Do «Jornal do Comércio», de Natal, de 20-10-55.)

Do Dr. Romulo C. Vanderlei:

"A Nota da Manhã—Em memória do Padre João Maria—O sr. João Carlos de Vasconcelos, que há poucos meses publicou uma plaquete sobre Miguelinho e a Revolução de 1817, distribuindo-a gratuitamente a gregos e troianos, repete agora o seu gesto, no cinquentenário da morte do Padre João Maria.

A brochura que acaba de editar em sua "Tipografia Santa Terezinha", o sr. João Carlos de Vasconcelos reuniu traba-

lhos de prosadores e poetas de 1905 e de 1955. Trouxe para os nossos dias, através de 66 paginas do seu trabalho, poesias de Gotardo Neto, Francisco Palma e Segundo Wanderley, e outros contemporâneos do virtuoso sacerdote, que bem poderia merecer a honra dos altares. Dos dias atuais aí se acha colaboração de vários conterrâneos ilustres que conheceram de perto o Padre João Maria, ou se impressionaram com o que se conta de extraordinário a respeito dêsse modêlo de vigário, que Natal teve a felicidade de possuir, para não mais ve-lo repetido em outro levita do Senhor.

* * *

Na manhã de 12 de junho dêste ano, em que o professor Luiz Soares, com o Grupo Escolar Frei Miguelinho, foi, em romaria ao monumento de André de Albuquerque e dos mártires da Revolução de 1817, conheci o sr. João Carlos de Vasconcelos, que me cumprimentou pela despretenciosa falação que eu fizera sôbre a data e os seus heróis, notadamente o nosso conterrâneo, espingardeado no Campo da Pólvora, na Bahia. E desde logo solicitou-me aquêle veterano dos movimentos proletários de Natal uma colaboração para o trabalho que estava organizando em memória do Padre João Maria. Os dias se passaram e a luta de três expedientes diários não me permitiu lembrar-me do honroso pedido, e daí o meu pesar ao concluir, tendo em mãos o carinhoso livrinho publicado no dia do cinquentenário da morte de João Maria, que faltara à promessa feita, promessa que merecia ser cumprida, dada a relevancia da iniciativa e o fervor com que o atual Delegado do Ministério do Trabalho em nosso Estado cultua o nome e exalta a obra evangelizadora do antigo vigário da freguezia de Nossa Senhora da Apresentação.

* * *

Tardiamente embora, aqui estou a penitenciar-me e a relembrar a figura apostolar de João Maria e aplaudir o sr. João Carlos de Vasconcelos, que tanto rende homenagem aos heróis como aos santos, convicto, como um homem inteligente, que os homens do passado merecem mais a nossa admiração do que os de hoje, porque foram mais nobres e mais puros".

(Da «Tribuna do Norte», de 21-10-55).

Do jornalista Mesquita Neto, Diretor da A GAZETA, de Vitória, Espírito Santo, edição de 29-11-55:

"Jornalista e Condutor de Almas — Coincidência. Desciamos, há poucos dias, a rua 7 de Setembro e, como é de nosso costume fazer, quando andamos sòzinho, pensávamos e era sôbre a quadra deliciosa de nossa infância que nosso pensamento pairava. Tinhamos a impressão de ver à nossa frente, andando, como sempre, apressado, o Padre Teotônio Ribeiro, a quem, por êsse motivo, chamavam *Padre Ventania*. E diziamo-nos: gostariamos de escrever a biografia dessa figura impressionante de sacerdote, professor e jornalista eminente, que, parece, nossa terra e o povo esqueceram.

Chegámos á redação e daí a pouco nos vinha do correio o opúsculo «Padre João Maria» — «Sentida homenagem de João Carlos de Vasconcelos e da Tipografia «Santa Teresinha», na passagem do 50° aniversário do seu falecimento, em Natal».

O trabalho em referência foi organizado pelo sr. João Carlos de Vasconcelos, que aqui exerceu, durante algum tempo, as funções de Delegado Regional do Trabalho, o que ora faz no Rio Grande do Norte. Jornalista e escritor, dono de uma bagagem literária apreciável, brinda-nos constantemente com exemplares de jornais e folhetos, cujas páginas são iluminadas pela sua inteligência e sensibilidade admiráveis.

Faz pouco, publicou «A Revolução de 1817, Frei Miguelinho — Padre Miguel Joaquim de Almeida Castro, Herói Potiguar—Domingos José Martins, Herói Capixaba», e, agora, através das páginas de «Padre João Maria», apresenta-nos o significado de uma nobre vida. Trabalho de pesquiza, sr. João Carlos de Vasconcelos reuniu, nesse opúsculo, muita cousa publicada em jornais e revistas sôbre o Padre João Maria. De sua autoria, aí está a belissíma página «A Minha Homenagem», de que transcrevemos o que se segue:

"Não será demasiada a minha opinião neste humilde trabalho comemorativo do cinqüentenário da morte do Padre João Maria—o primeiro Santo Brasileiro, canonizado pelo consenso unânime dos POTIGUARES — contemporâneos e postéros—êstes, conhecedores que são, através dos seus maiores, da vida santificada dêsse inimitável Pastor de almas, filho do Caicó, terra ainda não satisfeita de ter sido berço de tantos ho-

mens ilustres, esmerou-se na formação dêsse grande espírito, plasmado nos divinos ensinamentos do Divino Mestre, para, sem ostentação, desbravar, a golpes contundentes de abnegação, de fé, de caridade, de desprendimento das coisas terrenas, de humildade e de amor ao próximo, o difícil caminho, só percorrido pelos Bem-aventurados, que conduz ao reino de Deus, como um dos seus eleitos, para espargir bençãos por sôbre a cabeça dos pobres e dos humildes, dos desamparados e dos descrentes, que ainda hoje, Padre, choram o teu desaparecimento, pranteiam a tua falta e exalçam a tua memória.

Felizes os que evocam o teu nome nas horas angustiadas da vida, implorando alívio para as suas dores materiais; felizes os que chamam o teu nome santo, suplicando lenitivo para as suas dores espirituais.

Mais felizes do que todos êsses, Padre, são os que tiveram a inaudita ventura de beijar as tuas santas mãos purificadas pelo teu Apostolado; são os que sentiram o calor de tuas mãos acariciando as suas cabeças pequeninas; são os que privaram da tua amizade... Êsses, Padres, já não são muitos... e os que ainda não foram ceifados pela Parca, se esforçam para, não com os contornos miríficos de lenda, passar aos novos, a notícia da tua sublime peregrinação pelas nossas ruas, de Cruz em punho, distribuindo o Pão para o corpo e a Hóstia para a purificação da alma".

O folheto contem magnifícos escritos de Mons. José Alves Landim—"O melhor retrato do Padre João Maria"; Gothardo Netto—"À memória de um justo"; Meira e Sá—"Allocução"; Segundo Wanderley — "Extrema Uncção"; Felício Terra — "João Maria"; Francisco Palma — "Sublime Ocaso"; Segundo Wanderley—"Da Terra ao Céu"; Soares Filho—"À beira de um Túmulo"; José P. Antunes — "Tributo de Veneração e Saudade"; Balbino Teixeira—"Padre João Maria"; Gothardo Netto—"Postumos"; José Augusto B. de Medeiros — "Padre João Maria"; Celestino Wanderley — "No Campo Santo"; Luis da Camara Cascudo—"A quem se deve o busto do Padre João Maria"; Nestor Lima — "Recordações de uma grande vida..."; Palmyra Wanderley — "Oferenda Aniversária"; F. Pinto de Abreu—"Padre João Maria"; Damasceno Bezerra — "Padre João Maria"; Ezequiel Wanderley — "O Padre João"; Ricardo S. da Cruz—"Pétalas de Saudade";

Padre Luiz Monte—"Padre João Maria"; João Carlos de Vasconcelos—"A Minha Homenagem"; João Estevam G. da Silva—"Recordando..."; Eloi de Souza—"Padre João Maria"; João Carlos de Vasconcelos—"Agradecimento".

Somos gratos ao sr. João Carlos de Vasconcelos e à Tipografia "Santa Teresinha" pela satisfação imensa que nos proporcionaram com a leitura da «sentida homenagem» que prestaram ao «primeiro Santo Brasileiro, canonizado pelo consenso unânime dos Potiguares».

Sentimos não dispor de elementos nem tempo a fim de registrar, também, alguma cousa da vida do Padre Teotônio Ribeiro — *Padre Ventania*— Vigário da Igreja de Santo Antônio dos Pobres, que era sábio, justo e bom."

ÍNDICE

I PARTE (1ª edição)

II PARTE